

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE
JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: O VALOR DA DIFERENÇA

LICIANA APARECIDA CABRAL CANESCHI

GOIÂNIA

2007

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE
JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: O VALOR DA DIFERENÇA

LICIANA APARECIDA CABRAL CANESCHI

ORIENTADORA: JANIRA SODRÉ MIRANDA

**Monografia apresentada ao Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em Adolescência
e Juventude no mundo contemporâneo
como requisito para grau de especialista.**

GOIÂNIA

2007

Dedico este trabalho aos meus pais,

Nilton e Gislene: belas expressões

do Amor de Deus em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela mansidão com que conduz os meus caminhos.

À Casa da Juventude Pe. Burnier, pela acolhida, carinho e competência com que coordenam esse curso de especialização.

Ao Centro Pastoral de Juventude Anchieta, pelo apoio e confiança que dedicaram a mim durante todo o tempo.

À Professora Janira Sodré Miranda, por ser um exemplo de dedicação, força e disponibilidade.

Aos meus pais e ao meu irmão Marlos: eternas presenças de amor e acolhimento.

Ao Daniel, pelo amor que me possibilita crescer.

Aos amigos de sempre: Érika, Vanessa, Alex, Edvaldo, Carmem Lúcia, Resende e Lourival, pelas belas marcas que deixaram em um momento precioso da minha história.

“O que a memória ama fica eterno”

Adélia Prado

RESUMO

A adolescência, definida por diversos autores como uma construção do início do século XX, é um período potencialmente criativo, carregado de rupturas e transformações que inquietam a clínica e a sociedade de modo geral. Muito recentemente ela tem sido estudada na Psicologia como um objeto de estudo específico e, assim, percebida como um período estruturante na vida psíquica do sujeito. Um dos aspectos que mais se destaca na vivência dos adolescentes é a questão da sexualidade. Sabe-se que ela é uma das dimensões humanas mais debatidas e estudadas, e o modo com que ela é vivenciada se altera a partir das configurações culturais que se instalam em um contínuo jogo de forças. A partir desses dois elementos foi possível estabelecer um recorte temático para se traçar alguns indicativos que produzissem um esboço do fenômeno em questão. Este estudo pretende analisar o modo com que os adolescentes compreendem as relações de gênero que se estabelecem na vivência da sexualidade. Desta forma, este trabalho conta com um levantamento bibliográfico e com a análise de um material veiculado pela mídia impressa, o *Folhateen*. Esta pesquisa realizou a análise do material publicado na seção *Cartas do Leitor* nos anos de 2006 e 2007, obtendo um total de 525 cartas. O objetivo é o de analisar a opinião dos leitores em relação aos temas que fazem referência à questão da sexualidade, ao período da adolescência, ao gênero e à alteridade. O olhar da pesquisa foi dirigido à opinião dos próprios “adolescentes-leitores” e não ao modo que o jornal expõe esses temas, ou seja, buscou-se as impressões, opiniões e reações a respeito daquilo que era colocado em pauta e posto em evidência. A partir dessa análise percebe-se que a novidade que o outro apresenta, no âmbito dos papéis e da identidade sexual, são percebidas como transitáveis, plásticas, móveis e abertas à escolha individual. A vivência da sexualidade no momento da adolescência possui fortes características de rompimento e interrogações sobre os padrões sexuais. O sentimento de liberdade e a sensação de que são capazes de criar novas formas de relação é presente nesse período. Alguns adolescentes exteriorizam essas questões e conseguem discutir com a sociedade sobre a rigidez de certos papéis e criam o seu modo particular de pensar e atuar no mundo; outros interiorizam esses questionamentos e os transformam em dúvidas pessoais, procurando saber se são “normais” ou não.

Palavras-Chaves: Psicologia, Adolescência e Sexualidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ADOLESCÊNCIA.....	7
2.1 AS CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA	7
2.2 ALGUNS ENFOQUES NA PSICOLOGIA	9
2.3 O CULTO DA ADOLESCÊNCIA.....	18
3. SEXUALIDADE.....	21
3.1 ASPECTOS CULTURAIS DA SEXUALIDADE HUMANA.....	21
3.2 SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA.....	24
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
4.1 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	32
4.2 METODOLOGIA DA ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	33
4.3 RESULTADOS.....	34
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	49
4.4.1 Como é ser adolescente?....	49
4.4.2 E a sexualidade, o amor e as diferenças sexuais?.....	54
4.4.3 Onde fica o outro nesta história?	56
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

*“Se me contemplo, tantas me vejo, que não entendo quem sou,
no tempo do pensamento. Vou desprendendo elos que
tenho, alças, enredos... E é tudo imenso...”*

Cecília Meireles

O grupo dos adolescentes tem ganhado destaque nos diversos espaços públicos. Ora são invejados pela beleza e suposta liberdade que possuem, ora são temidos pela rebeldia, violência e irresponsabilidade. Em decorrência disto, diversos livros e “especialistas” surgem para compreender (ou conter) o fenômeno da adolescência, inspirando projetos e ações específicas por parte das mais diferentes instituições (familiar, educacional, jurídica).

A exposição midiática deste grupo social também é reveladora do valor que possuem. São programas de TV específicos, como as novelas *Malhação* e *Rebeldes*, quadros em telejornais que discutem este tema, cadernos especiais na mídia impressa, como *Folhateen*, programas de rádio, revistas como *Capricho* e até uma emissora de TV com toda a programação dirigida a esse grupo, como a *MTV*. Muitas das funcionalidades da Internet também são mantidas praticamente pelos adolescentes, como *orkut*, *blogs*, *fotoblogs* e *chats*.

Com relação ao marketing, cada vez mais se encontram produtos desenvolvidos exclusivamente para esse grupo e, quando eles não são o público-alvo da propaganda, é possível vê-los como modelos para vender beleza, vigor e liberdade. Desta forma, a

adolescência pode ser entendida como um ideal cultural de nosso tempo (Calligaris, 2000).

O começo da adolescência é sinalizado por alguns autores pelas mudanças corporais ocorridas na puberdade, ou seja, as mudanças fisiológicas seriam as responsáveis por iniciar esse período. Stanley Hall, um dos primeiros estudiosos deste tema, concebe a adolescência como uma manifestação impulsionada pelas mudanças hormonais que se operam no corpo, sendo assim um fenômeno natural.

Alguns autores da psicologia da adolescência conservam essa perspectiva em suas teorias, outros buscam conciliar esse aspecto com a dimensão social e intrapsíquica, variando entre si devido à ênfase dada a cada perspectiva. Noções como “crise da adolescência”, “síndrome da adolescência normal”, estão baseadas na concepção de que as alterações físicas são as desencadeadoras das mudanças psicológicas e das dificuldades da relação do adolescente com as instituições sociais. No entanto, apesar da crítica feita atualmente, essas terminologias possuem grande valor, pois objetivavam retirar o caráter patológico dessa etapa da vida ao conceber as transformações vivenciadas como “normais” e esperadas nesse período do desenvolvimento humano.

Neste trabalho pretende-se também analisar o aspecto histórico da construção do fenômeno da adolescência, tentando escapar a uma leitura estritamente biológica, entendendo que muito pode ter sido perdido no estudo da adolescência quando se destaca exclusivamente essa dimensão.

Todas essas questões possuem características muito complexas e amplas. Realizar uma cartografia sobre a adolescência na atualidade é um grande desafio. Seus

contornos são imprecisos, sua extensão é assustadora e as distrações do caminho são muitas, pois este fenômeno se mostra muito receptivo ao nosso olhar.

Desta forma, o exercício que optei realizar inicialmente foi o de simplesmente prestar atenção a tudo e captar, ou se deixar captar, por um material que muitas vezes se mostrava desconexo e fragmentado. Em algum momento, após o rastreamento do espaço e a atenta observação das pistas, o olhar pousou e encontrou aquilo que buscava.

Com isso foi possível estabelecer um recorte temático para se traçar alguns indicativos que produzissem um esboço da figura em questão. As linhas que irão atuar neste trabalho serão tecidas pelas diferenças que atuam na vivência da sexualidade. Este estudo pretende analisar o modo com que os adolescentes compreendem as relações de gênero que se estabelecem na vivência da sexualidade.

Para alcançar o objetivo do trabalho cada pesquisador utiliza sua ferramenta e esta envolve uma concepção de mundo, critérios de definição e formulação do problema. Desta forma, ele é capaz de vislumbrar estratégias, intervenções e possibilidades para os indivíduos agirem neste mundo e torná-lo cada vez mais adequado para sua vida e a de seu grupo. O fim subjacente a toda e qualquer pesquisa é o de “transformar o mundo, criar objetos e concepções, encontrar explicações e avançar previsões, trabalhar a natureza e elaborar as suas ações e idéias” (CHIZZOTTI, 2003:11). Para isso há a implicação de uma abordagem metodológica.

Com o desafio de levantar algumas questões acerca dos adolescentes e da sexualidade, o presente trabalho contará com um levantamento bibliográfico e com a análise de um material veiculado pela mídia impressa, o *Folhateen*. Pelo fato desta

pesquisa ser qualitativa, vale destacar algumas características deste tipo de investigação.

As ciências humanas e sociais buscam, com a pesquisa qualitativa, mostrar a complexidade, as contradições, a imprevisibilidade e a originalidade das relações humanas. Esta linha de pesquisa foge da procura pela estabilidade dos fenômenos humanos e vai para a análise do significado que cada grupo ou indivíduo dá as suas ações (MARTINS & BICUDO, 2003). Trata-se de compreender o vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não é visto como um rol de dados isolados, neutros e conectados por uma teoria, mas como uma construção dos sujeitos em sua relação com o mundo, portanto contendo significados singulares (CHIZZOTTI, 2003).

Ao abordar o tema de pesquisa qualitativa, Chizzotti (2003) afirma que pesquisador desta linha alcança a compreensão de seu problema de estudo quando partilha da cultura, das práticas, experiências e percepções dos sujeitos de pesquisa, tornando o conhecimento um produto do trabalho coletivo.

A delimitação e a formulação do problema nas pesquisas qualitativas não são definidas a partir de uma hipótese apriorística que será compreendida por um modelo teórico pré-concebido. Neste tipo de pesquisa o problema vai se definindo e se delimitando a partir da exploração dos contextos em que a pesquisa é realizada, na observação constante e atenta do objeto pesquisado e de seus informantes (CHIZZOTTI, 2003).

No que se refere à pesquisa em Psicologia, Forghieri (2001) afirma que o sentido que cada situação tem para determinado indivíduo é íntimo e escapa à simples observação do psicólogo, simplesmente porque o ser humano não é transparente. Esta

colocação é coerente com o método fenomenológico e implica na utilização de duas posturas: o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo.

A palavra fenômeno vem da expressão grega *phainomenon* (aquilo que se mostra, que se revela, que se dá a conhecer por meio dos sentidos humanos) e deriva do verbo *phainestai*, que significa mostrar-se a si mesmo. Fenômeno é, então, aquilo que se mostra em si mesmo, que é manifesto (MARTINS & BICUDO, 2003).

Husserl (1889-1938), proponente da Fenomenologia, nega a existência tanto do sujeito como do mundo enquanto independentes um do outro. Afirma que a pessoa humana é um ser consciente e compreende a consciência como consciência de alguma coisa; fruto de uma relação, da ligação da consciência do homem com o seu mundo. O fenômeno, assim, não é interno, nem externo à consciência, mas é visado e intencionado por ela (*apud* FORGHIERI, 1984). Desta forma, não são exatamente as qualidades sensíveis que revelam as coisas (mundo externo), mas o sentido que as habita (essência do fenômeno) e diante do qual meu corpo adota um comportamento (MERLEAU-PONTY *apud* CHIZZOTTI, 2003).

Husserl propõe um “voltar às próprias coisas”, ou seja, às raízes do conhecimento para ser possível captar a essência do fenômeno. Esta só pode ser encontrada no mundo vivido, que é a experiência básica e primordial do ser humano, onde não há separação entre a consciência e o objeto, sendo este último captado em sua totalidade, por intuição (*apud* FORGHIERI, 1984).

Para isto, a fenomenologia, propõe a redução fenomenológica como recurso para se empreender na tarefa da busca da essência do fenômeno. Ela é constituída por dois momentos paradoxais e inter-relacionados: o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo. É importante perceber que, não há separação completa entre

eles, mas apenas uma predominância de um em detrimento de outro em certos momentos.

O envolvimento existencial é a suspensão dos conhecimentos adquiridos sobre a vivência que se pretende investigar, penetrando nela de maneira espontânea e tendo uma profunda sintonia com ela, para que se possa compreender a experiência de maneira intuitiva e pré-reflexiva (FORGHIERI, 2001).

O distanciamento reflexivo trata de certo afastamento da vivência realizada para que possa refletir sobre ela e tentar captar seu significado e sentido. É válido ressaltar que esse distanciamento não pode ser completo, pois o pesquisador deve constantemente voltar à vivência realizada para que sua descrição seja a mais verdadeira possível.

Por fim, Chizzotti (2003) afirma que a delimitação de um problema na pesquisa qualitativa não surge a partir de uma informação prévia, mas de um obstáculo percebido pelo pesquisador e que será por ele analisado. O presente trabalho partiu das dúvidas acerca do modo com que se dá a vivência da sexualidade entre os adolescentes no âmbito das relações estabelecidas entre os gêneros. Desta maneira, possui o anseio de levantar algumas hipóteses acerca do tema e motivar o interesse por outros estudos nesta área do conhecimento.

2 ADOLESCÊNCIA

A adolescência, definida por diversos autores como uma construção do início do século XX, é um período potencialmente criativo, carregado de rupturas e transformações que inquietam a clínica e a sociedade de modo geral. Muito recentemente ela tem sido estudada na Psicologia como um objeto de estudo específico e, assim, percebida como um período estruturante na vida psíquica do sujeito. Calligaris a define como “uma das formações mais poderosas de nossa época” (2000: 09).

Este capítulo irá trazer um breve histórico acerca da concepção de adolescência, conhecer suas principais correntes de estudo na Psicologia e, por fim, expor a idéia da adolescência como um ideal cultural da modernidade.

2.1 AS CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA

Uma das primeiras alusões a respeito da adolescência pode ser encontrada nos escritos de Rousseau. No clássico *Emílio ou Da Educação* (1762/1999) o autor descreve as fases do desenvolvimento humano e seus correspondentes pedagógicos, apontando em seu livro IV, *A idade da razão e das paixões*, o que pode ser entendido como a adolescência.

Para Rousseau o jovem que estava entre o início da idade da razão, (postulada por ele a partir dos doze anos) e a idade do casamento (a partir dos vinte

e cinco anos) possuía o grande anseio de encontrar o seu lugar na sociedade (GALLATIN, 1978).

O trabalho do historiador Philippe Ariès (1981) aponta alguns escritos do século XIII referentes ao Império Bizantino com considerações acerca da adolescência. Neste documento a faixa etária era dos 21 ou 28 anos e se estenderia até 30 ou 35 anos e o que o definiria o adolescente era sua grande capacidade para a procriação.

Apesar dessa referência, Ariès (1981) não aponta um século específico para o surgimento do conceito de adolescência. No entanto, ele afirma que esta concepção não irá aparecer antes do século XVIII e só será amplamente difundida a partir do século XX. Para ele, o prolongamento da escolaridade até os dezoito ou vinte anos facilitou a diferenciação entre a infância e a idade adulta, mas isso não implicava ainda na demarcação do período da adolescência.

Para Keniston (apud GALLATIN, 1978) a adolescência surge a partir do momento em que a sociedade moderna e industrial passa a produzir o suficiente para “liberar” do trabalho todos aqueles que estão entre doze e dezoito anos.

Calligaris (2000) coloca que há apenas um século os adolescentes se tornaram um tema que justificasse um estudo específico, pois até então eles não eram configurados com grupo social, pertencendo apenas a uma faixa etária. Para ele, quanto maior for a responsabilidade das crianças em prover o sucesso que faltou aos seus genitores, mais extensa será a infância. Isso acabou por forçar a criação da adolescência, que em suas próprias palavras “é um derivado contemporâneo da infância moderna” (CALLIGARIS, 2000: 67).

A presença desses estudos ajuda a retirar o caráter biologizante das idades da existência e tende a desnaturalizar o fenômeno da adolescência na cultura ocidental. Isso colabora para compreender alguns dos olhares que a Psicologia oferece a esse período do desenvolvimento. Como afirma Birman “foi pelo apagamento desta dimensão histórica que o dito modelo foi naturalizado e banalizado, transformando-se então literalmente numa ideologia, a que passamos a conferir credibilidade científica” (2006: 28).

2.2 ALGUNS ENFOQUES NA PSICOLOGIA

O começo da adolescência é sinalizado por diversos autores pelas mudanças corporais ocorridas na puberdade e, sendo assim, as mudanças fisiológicas seriam as responsáveis pelo começo desse período.

Alguns autores que estudam a psicologia da adolescência conservam essa perspectiva em suas teorias, outros buscam conciliar esse aspecto com a dimensão social e intrapsíquica, variando entre si de acordo com a ênfase dada a cada perspectiva. A concepção mais recorrente na Psicologia é da adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento humano onde há crises decorrentes da formação da identidade que ocorre nesse período.

Granville Stanley Hall (1844-1924) foi um dos primeiros a realizar um estudo sistemático sobre a adolescência e a compreendê-la como um período de grande complexidade (ele utiliza o termo “tormenta” para caracterizá-la). Ele é conhecido como um dos pioneiros da psicologia norte-americana. Sua obra clássica intitulada *Adolescence* (1904) possui dois volumes e 1.300 páginas. Nela há temas como:

crescimento de peso e altura, desenvolvimento sexual, transgressões juvenis, imoralidades e crimes, moléstias do corpo e da mente, entre outros.

Hall considera a adolescência como uma fase de grande impacto na vida adulta e a associa ao desenvolvimento da individualidade, sendo este último item algo inovador para época. Ele compreende a adolescência como um momento em que se adquire a capacidade de reprodução, a tomada de consciência das instituições que compõe determinado grupo social (igreja, estado, forças econômicas), o aumento das capacidades intelectuais, a aptidão para o desenvolvimento de vínculos amorosos, a ambição e a auto-afirmação (HALL *apud* GALLATIN, 1978).

Seu trabalho possui forte influência da teoria darwiniana e, desta forma, ele entende que a evolução da raça humana determina a maneira pela qual se dará o desenvolvimento individual. Como exemplo, pode-se citar: a criança se assemelha a um período ancestral bem antigo na história da humanidade, o que corresponderia a uma fase primitiva do desenvolvimento; a adolescência seria um estágio intermediário entre o primitivo e o civilizado e assim por diante. Assim sendo, os estágios de desenvolvimento do homem espelham a história evolutiva da humanidade. Essa concepção também possui grande concordância com os escritos de Rousseau em relação às idades do homem (HALL *apud* GALLATIN, 1978).

Hall concebe a adolescência como uma manifestação impulsionada pelas mudanças hormonais que se operam no corpo, sendo assim um fenômeno natural (CALLIGARIS, 2000). Entre diversos aspectos de sua obra destaca-se o tema do desenvolvimento sexual, onde ele trata do “despertar sexual” e faz diversas

advertências em relação aos perigos dos excessos nesse campo. No aspecto emocional ele descreve as alterações de humor e a imprevisibilidade como algo esperado neste período e afirma, por meio de gráficos, que a taxa de insanidade e delinqüência aumenta durante a adolescência. Dentro desta lógica, caberia às instituições escolares o dever de guardar a ordem em meio a esse turbilhão de sentimentos (HALL *apud* GALLATIN, 1978).

A teoria de Hall possui diversos aspectos que aparentemente podem ser criticados, porém sabe-se que ainda são utilizados na atualidade. Sua teoria foi muito questionada devido à correlação do desenvolvimento humano com a evolução da humanidade (idéia da recapitulação). Além disso, sua extensa obra não faz interagir e nem integra as inúmeras categorias que ele utiliza para estudar a adolescência, não oferecendo ao leitor uma visão do todo (HALL *apud* GALLATIN, 1978).

Na teoria sobre adolescência de Anna Freud (1895 – 1982) o tema da recapitulação retorna, mas sob um enfoque diferente daquele postulado por Hall. Em 1936 ela escreve um conjunto de artigos sobre a questão da adolescência e sugere que a “tempestade” da adolescência não é reflexo do estágio inicial da evolução humana, mas sim da própria história do indivíduo. Os conflitos da sexualidade infantil (especialmente o conflito edípico) retornam com toda força nesse período. A luta que o adolescente trava é com seus próprios impulsos e uma de suas dificuldades é o fato das estratégias para se defender não serem mais as mesmas da infância. Em 1958 ela enfatiza que a tormenta da adolescência é necessária e essencial para o desenvolvimento humano (FREUD *apud* GALLATIN, 1978).

A força que o impulso ganha nesse período, após a fase de latência, e as defesas contra o mesmo são muito analisadas por Anna Freud e centrais para sua compreensão da adolescência.

Tanto o desenvolvimento da intelectualidade como o enamoramento do adolescente são vistos por Anna Freud como mecanismos de controle dos impulsos. O primeiro item é justificado pela predileção dos adolescentes por estudar assuntos que representem facetas de seus conflitos internos, ou seja, aspectos ligados à autoridade, liberdade, submissão, revolta. O segundo ponto refere-se ao fato do adolescente ser impelido a buscar relações fora do espaço familiar como forma de se defender do impulso edípico, lutando contra a atração pela figura materna e tentando conciliar o amor e ódio pelo pai. Sair de casa ou viver nesse espaço como um estranho é um modo de resolver esses conflitos, no entanto, a sensação de abandono que resulta disso é muito intensa. Anna Freud afirma que a transitoriedade das relações que eles estabelecem nessa época, seja entre amigos, namorados ou ídolos, é uma indicação do caráter defensivo desses vínculos (HALL *apud* GALLATIN, 1978).

Tanto Hall como Anna Freud enfatiza o aspecto biológico em suas teorias, entendendo-o como principal motor do desenvolvimento humano. Ambos trazem o tema da recapitulação (apesar de seus enfoques diferenciados) como elemento chave na compreensão da adolescência.

Outro teórico importante desta área é Harry Stack Sullivan (1892-1949) que, assim como os anteriores, considera o período da adolescência (especialmente o

início dela, chamado por ele de adolescência anterior) como um tempo de tormenta. Suas razões, porém, são diferentes.

Sullivan, cuja formação inicial se deu em psicanálise, irá salientar em sua teoria a dimensão interpessoal da existência humana, a afirmação de necessidades de segurança e de afeto e a tentativa constante de se evitar a ansiedade. Para ele, a agitação deste período deve-se à existência de alguns desafios que a cultura ocidental coloca e não ajuda a amenizar. Os conflitos encontrados nesse período referem-se às dificuldades interpessoais, à ansiedade que surge diante do sexo oposto, a sexualidade, a intimidade física e emocional, enfim, o choque entre aquilo que ele assimilou da cultura e o que se exige dele neste momento. Por exemplo: quando criança, o adolescente ficava muito tempo com pessoas do mesmo sexo e agora se espera que ele alcance o mesmo grau de intimidade com o sexo oposto. Por outro lado, existem as dificuldades que certas famílias oferecem para desencorajar esse encontro com o sexo oposto (SULLIVAN *apud* GALLATIN, 1978).

Sullivan postula também o termo adolescência posterior, no qual o indivíduo está em melhores condições de integrar sua sexualidade e, em virtude disso, pode voltar-se para outras questões. Ele destaca o valor da experiência universitária nesse período, mas não a considera exclusiva, valorizando também a vivência do trabalho (SULLIVAN *apud* GALLATIN, 1978).

Outro teórico que desenvolveu muito de sua teoria com o estudo da adolescência é o psicanalista nascido na Alemanha, Erik Homberger Erikson (1902-1994) que propôs oito fases do desenvolvimento psicossocial. Cada uma envolve uma crise específica (crise normativa) e cada mudança corresponde a uma

continuidade no desenvolvimento do indivíduo. Para cada uma das oito idades humanas, há instituições e valores correspondentes. Ele se baseia tanto na psicanálise freudiana como na psicologia do ego.

Para Erikson (1987) a adolescência se caracteriza como um período crucial de aquisição do que ele denomina por sentido de identidade interior, que ocorre por seu próprio esforço e é único. Para isso deve haver uma integração entre aquilo que ele foi, o que pretende ser, como se percebe e o que os outros projetam nele. O autor entende a identidade como produto único que encontra nesse momento uma crise que terá seu desfecho no final da adolescência a partir das identificações entre os pares e os líderes, que agora se encontram fora do círculo familiar.

Para ele a identidade tem uma dimensão biológica, social e individual em constantes mutações e desenvolvimentos. Ele postula a adolescência como a quinta idade do homem (identidade x confusão de papéis) entendendo-a como um momento determinante e fundante para a maturidade do indivíduo (ERIKSON, 1987).

Este período envolve outros sete conflitos: perspectiva temporal x confusão temporal, autocerteza x inibição, experimentação de papel x fixação de papel, aprendizagem x paralisia operacional, polarização sexual x confusão bissexual, liderança e sectarismo x confusão de autoridade e comprometimento ideológico x confusão de valores (GALLATIN, 1978).

A formação da identidade exige um processo de reflexão e disso depende um complexo conjunto de habilidades cognitivas. Desta forma, Erikson refere-se ao que Piaget denomina por estágio das operações formais, no qual o adolescente pode lidar com proposições hipotéticas, manipulação do pensamento independente das

verificações empíricas, elaboração de relações potenciais, entre outras habilidades cognitivas. (ERIKSON *apud* GALLATIN, 1978).

Outro conceito importante na teoria da adolescência de Erikson é o da moratória psicológica. Ele a define como um período de espera durante o qual se experimenta as várias possibilidades presentes na vida adulta. Esse conceito implica em uma compreensão de que o adolescente é alguém que ainda não está apto para enfrentar uma obrigação, a quem se deve dar um prazo. Essa tolerância é dada pela sociedade e é exercida de forma lúdica pelo adolescente. Ela possui variações em sua forma de acordo com os diferentes estilos culturais (ERIKSON, 1987).

Erikson (1987) entende a adolescência como período de transição, no qual o indivíduo deve ter a oportunidade de explorar, examinar, conhecer-se antes de assumir suas responsabilidades adultas. Se ele é forçado a assumir a vida adulta sem vivenciar esse tempo da moratória, o sentimento de identidade se forma de maneira prematura e frágil. Assim sendo, a moratória postulada por ele é algo benéfico para a saúde mental do adolescente.

Outros autores defendem concepções distintas das acima mencionadas. Para Sérgio Ozella (2003), que defende a abordagem sócio-histórica, a adolescência não é algo universal, mas uma criação histórica da humanidade. “Um fato que passou a fazer parte da cultura enquanto significado, isto é, um momento interpretado e construído pelos homens, um período construído historicamente” (Idem, 2003: 9). Além da universalização do fenômeno, o autor critica a patologização e a naturalização presentes no discurso sobre a adolescência, assim como as cristalizações de significados presentes na Psicologia desde o início do século XX e

que ainda encontram eco tanto no imaginário popular quanto no discurso dos profissionais.

Contardo Calligaris em seu livro *A adolescência* (2000) define o adolescente por meio de três características: alguém que teve tempo de assimilar os valores mais fortes de sua comunidade (sucesso financeiro/social e amoroso/sexual, ou seja, ser desejável e invejável), que possui um corpo com maturação necessária para obter esses valores, e que sofre a imposição da moratória. Assim sendo, o adolescente é alguém que, apesar de estar com o corpo e a mente prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. A adolescência será, então, um tempo de preparação para se aprender a produzir, trabalhar, amar e copular. Caso o adolescente queira assumir essas tarefas, terá de fazê-lo marginalmente. Para esse autor, a adolescência é um tempo de “suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência” (Idem, 2000: 16).

Muitas vezes a sociedade entende essa suspensão como necessária, pois se entende que falta maturidade e experiência aos adolescentes. A idéia da moratória acaba então por construir um mundo de “preparações”: cursos de preparação para o primeiro emprego, o estágio como preparação para a vida profissional; aulas, cursos, oficinas, palestras de preparação à iniciação sexual, enfim, uma série de práticas que revelam a presença da concepção da moratória nos discursos e práticas dirigidas aos adolescentes.

Calligaris (2000) atenta para o fato a idéia circular da moratória, pois: não seria a espera imposta que manteria o adolescente imaturo? Pede-se dele

autonomia, mas impede-se que a mesma seja conquistada. O conflito existente é entre o ideal da autonomia e a dependência exigida pela moratória. Para esse autor, as confusões ocorrem porque o adulto se recusa a perceber no adolescente os sinais de passagem para a vida adulta, até porque não está claro quais sinais seriam esses. Afinal, o que caracteriza um adulto? Qual é o momento para entrar e ou sair da adolescência?

Aberastury e Knobel (1981) destacam em sua teoria a questão dos três lutos da adolescência: luto pela perda do corpo infantil, luto pelo papel infantil e pela perda dos pais da infância. Calligaris (2000) toca em questões similares quando discute a forte presença da insegurança nesse período do desenvolvimento. Para ele, o adolescente perde a “graça infantil” (Idem, 2000: 24) que poderíamos entender também por perda do papel infantil, que garante o amor incondicional em nossa sociedade. A insegurança do adolescente viria então do fato dele não compreender como os outros o vêem e pela falta de palavras que o recebam com o genuíno acolhimento da época da infância. Trata-se de reconquistar o olhar do adulto que estava bastante seduzido pela sua imagem infantil.

Para isso, os adolescentes tentam descobrir o que os adultos esperam e querem dele, porém os adultos se contradizem e o adolescente acaba atuando mais a partir daquilo que os adultos desejam que eles façam do que a partir do que eles pedem que se faça (CALLIGARIS, 2000).

A adolescência assume assim a tarefa de interpretar o desejo inconsciente (ou simplesmente escondido, esquecido) dos adultos (...). Em geral, o adolescente é um ótimo intérprete do desejo dos adultos. Mas o próprio sucesso de suas

interpretações produz fatalmente o desencontro entre adultos e adolescentes (Idem, 2000: 26,27).

Um paradoxo que se manifesta claramente na adolescência e apontado por Calligaris (2000) é o fato da sociedade valorizar a autonomia, ter como objetivo o se tornar uma exceção e, ao mesmo tempo, exigir obediência e conformidade social para se manter a ordem. Pela dificuldade em se conciliar tais demandas, o desobedecer passa a ser obedecer e a aspiração de outras realidades se torna mais importante do que conhecer a própria realidade e dela se apropriar. “O adulto moderno transmite ao adolescente não um estado onde ele poderia se instalar como se herdasse uma moradia, mas uma aspiração” (Idem, 2000: 29).

1.3 O CULTO DA ADOLESCÊNCIA

É comum se conceber da adolescência como uma fase de alegria, felicidade, plenas realizações pessoais e falta de compromisso. Para Calligaris (2000) o adolescente tem o dever de ser feliz, pois vive um período da vida que aglutina os ideais de prazer de toda sociedade. O adolescente reúne em si o amparo típico da infância com a exigência dos adultos e, assim, monta-se uma imagem irresistível, inviável de ser vivida, porém possível de ser imitada (CALLIGARIS, 2000). “Eles são adultos de férias, sem lei” (Idem, 2000: 69).

Calligaris (2000) defende a idéia que a adolescência, excluída da vida adulta, encena e interpreta o sonho dos adultos em especial o sonho de liberdade. “A rebeldia adolescente se torna uma encenação do ideal cultural básico” (Idem, 2000: 57) e por isso todos esses comportamentos se tornam “objetos de imitação”, na

própria expressão do autor. É a partir desta concepção que a adolescência é vista por ele como um ideal necessário da modernidade. “Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente, dos adultos?” (Idem, 2000: 59). “Se a adolescência não existisse, os adultos modernos a inventariam, tanto ela é necessária ao bom desempenho psíquico deles” (Idem, 2000: 60).

Pode-se pensar que se trata da formação de um ciclo: a vivência da moratória, os comportamentos de rebeldia que surgem daí e a idealização dessas ações. Quanto mais valorizada a moratória, mais intensa é a rebeldia e maior é idealização da adolescência.

Esse período da vida passa a ser então comercializável e, desta forma, quanto mais definido estiver, melhor para o marketing. Vendem-se assim os estilos de cada grupo juvenil, suas roupas, seu modo de falar, suas músicas e isso alimenta o ideal de todas as faixas etárias. Calligaris (2000) afirma que a partir dos anos 80 surge uma especialidade do marketing da adolescência. “A adolescência, por ser um ideal dos adultos, se torna um fantástico argumento promocional” (Idem, 2000: 59).

Raramente um adulto desejará ser criança novamente. Isso não ocorre com a adolescência, que é almejada e idealizada, pois remete a uma satisfação imediata. Até os anos 60 o ideal da adolescência era a idade adulta. A roupa, o modo de falar, os hábitos, enfim, tudo tinha como modelo o universo adulto. Aos poucos, o processo se inverteu de tal modo que até as crianças imitam o estilo adolescente, já que também é este o modo de ser de seus pais (CALLIGARIS, 2000).

E o adolescente, como se vê nesse cenário? Em muitos momentos, ele acaba sendo capturado pelo próprio universo adulto, pois é ele quem decide o seu estilo. Assim, o adolescente é forçado a ser cada vez mais aquilo que seu esteriótipo exige porque assim ele mantém vivo o sonho dos adultos. Crescer não é mais tão necessário porque a aspiração social é estar sempre jovem (CALLIGARIS, 2000).

Por que desejar ser adulto quando os adultos querem ser adolescentes? E por que desejar o reconhecimento dos adultos, se na verdade são estes que parecem pedir que os adolescentes os reconheçam como pares? (...) (Os adolescentes) pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles querem deixar (CALLIGARIS, 2000: 74).

Vale destacar que este impeditivo para crescer mencionado acima não é vivenciado por todos os adolescentes, mas predominantemente por grupos que pertencem a uma classe econômica mais favorecida. Para certos adolescentes a existência da moratória em suas vidas pode até ser questionada e o casulo talvez nem tenha existido. Obviamente, esse grupo de adolescentes não corresponde ao ideal discutido por Calligaris e representa justamente aquilo que a sociedade mais rechaça.

3 SEXUALIDADE

*“Subia, algo subia, ali, do chão, quieto, no caule calmo, algo subia,
até que se fez flama em floração clara e calou sua harmonia.”*

Rainer Maria Rilke

Este capítulo abordará os aspectos da constituição da identidade sexual dos adolescentes e as especificidades referentes ao gênero. Além disso, será feita uma reflexão acerca de certos aspectos culturais que influenciam a vivência da sexualidade, especialmente dos garotos e garotas. Esse capítulo irá posicionar o olhar para as diferenças de gênero no modo de vivenciar a adolescência tentando evitar um olhar universalizante para o fenômeno, pois:

Ao supor uma igualdade de oportunidade entre todos os adolescentes, a Psicologia que se encontra nos manuais de Psicologia do Desenvolvimento dissimula, oculta e legitima as desigualdades presentes nas relações sociais, situa a responsabilidade de suas ações no próprio jovem, se ideologiza (Aguiar, Bock e Ozella, in: OZELLA, 2003: 20).

3.1 ASPECTOS CULTURAIS DA SEXUALIDADE HUMANA

A sexualidade é uma das dimensões humanas mais debatidas e estudadas. O modo como ela é vivenciada se altera a partir das configurações culturais que se instalam em um contínuo jogo de forças.

Giffin (1999) afirma que a cultura ocidental, com seus paradigmas dualistas e que valorizam a razão em detrimento do corpo, acabam por desvalorizar o aspecto da sexualidade porque enfatizam as diferenças de gênero (dualismos, oposições) e reforçam os poderes masculinos na sociedade. A sexualidade não é vista para a autora como um fenômeno estritamente natural, biológico ou individual, mas sim como algo relacional que sofre processos de aprendizagem ao longo da vida do sujeito.

Uma das formas de inscrição do corpo é o vestuário. Ele esconde, revela, disfarça e, assim, de maneira quase lúdica o ser humano brinca em um jogo estético e sedutor. Caridade afirma que “em sua significação antropológica, o vestuário é uma espécie de invólucro da erótica social, é uma metáfora erótica” (1999: 16). Para essa autora o modo do sujeito se vestir revela as tristezas e os desejos que guarda no corpo, sendo assim, uma forma de comunicação.

Pode-se afirmar que o vestuário expressa, dialoga, diz algo sobre aquele corpo. Ao observar os adolescentes é notória a preocupação com as roupas que vão vestir e a demora em encontrar o vestuário “certo”, apropriado ou desapropriado porque isso revela o que ele quer comunicar. Percebe-se também o cuidado na escolha, a riqueza nos detalhes da roupa, da maquiagem, dos adereços. Tudo isso forma um conjunto que compartilha idéias, sentimentos, ideologias, crenças, estado de ânimo. O vestuário do adolescente muitas vezes revela um espetáculo na cena social e, neste entendimento, é também uma via de expressão.

Um outro aspecto da vestimenta é a possibilidade que a roupa tem em localizar o sujeito em seu coletivo. “Outra face da roupa é que ela promove certa

identidade fusional, e o corpo que se mostra e termina por ser um corpo coletivo” (CARIDADE, 1999:16). As tribos juvenis muitas vezes revelam essa faceta, pois o adolescente que pertence a um grupo, com as mesmas vestimentas, gírias, preferências artísticas e ideológicas, acaba por diluir-se, espalhar-se e, ao mesmo tempo, identificar-se e organizar-se.

O vestuário pode ser também uma das formas de controle do corpo, um modo de fixar o sujeito em determinada posição social. “A estética vai sendo deslocada de sua função promotora de bem-estar para ser uma obrigação, para caber em um determinado padrão” (CARIDADE, 1999: 16). Apesar deste mecanismo de coerção, a autora ressalta que não se pode negar o prazer gerado pela adequação a um modelo socialmente invejável e desejável. Isso acaba sendo um “sedativo” para as repressões sofridas por esse corpo, especialmente para o adolescente que vivencia um momento de redesenhar a auto-imagem, sendo esta extremamente relacionada com o modo com que o grupo social o percebe.

Em virtude disso, sua suscetibilidade aos padrões tende a ser alta, porém percebe-se também a capacidade de estabelecerem linhas de fuga a este processo. A contínua formação de tribos e estilos juvenis, pode ser um revelador da tentativa de escapar as essas “formatações” sociais. Obviamente, o mercado está sempre atento a essas “novidades” e se apropria, reproduz e os comercializa logo que surgem.

Na sociedade de consumo, não só a roupa e o estilo são transformados em produtos, mas também o sexo e o corpo feminino que não é “só mercadoria, mas

também apelo de consumo, afinal, “o que não vende um belo corpo de mulher?” (CARIDADE, 1999: 19).

3.2 SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA

Com o aparecimento da puberdade o corpo do adolescente passa diferentes mudanças, que além de serem inéditas não representavam até então as diferenças sexuais em tal intensidade. “Entre esses dois principais momentos hormonais, isto é, período fetal e puberdade, a diferença da quantidade de “hormônios sexuais” em meninos e meninas encontra-se praticamente nula” (SILVA, 1999: 43). Mesmo com a puberdade e a maior diferenciação a partir dos hormônios sexuais, ainda há certo equilíbrio de dosagens de hormônios nos homens e nas mulheres (Idem, Ibidem).

Com a puberdade há o aparecimento dos pêlos pubianos e axilares, aumento dos órgãos genitais, modificação no timbre da voz, desenvolvimento dos seios, crescimento da barba, ampliação da produção de glândulas sudoríparas e sebáceas, acréscimo de gordura nas meninas na região dos quadris, nádegas e coxas. Também há o surgimento da capacidade reprodutiva com a presença da função dos ovários na produção do óvulo e dos hormônios estrogênio e progesterona, e os testículos com a produção de espermatozóides e testosterona.

Nos garotos a puberdade ocorre entre os 11 e 13 anos e nas garotas um pouco antes, dos 10 aos 12. Vale destacar que todas as mudanças acima mencionadas dependem, para o seu desenvolvimento, das condições ambientais (alimentação, saúde, exercícios físicos, por exemplo) e também emocionais (GEWANDSZNAJDER, 1999).

Essas mudanças físicas são uma parte na formação da identidade sexual do adolescente, que é fundamental para o desenvolvimento da personalidade do sujeito e do reconhecimento por parte da sociedade. Silva (1999) define identidade sexual como algo da ordem do consciente e do inconsciente que remete ao cruzamento de questões biológicas e psicossociais ligadas ao sexo.

Identidade sexual, ou de gênero, é um conceito extremamente complexo, formado de componentes conscientes e inconscientes, possuindo elementos altamente associados ao sexo a que se pertence e às características estabelecidas pela estrutura social como próprias a cada gênero (Silva, 1999: 44).

Tavares (1999) considera que a entrada do adolescente no mundo adulto se dá por meio da conquista da identidade sexual e destaca a influência da imagem corporal nessa construção, sendo essa representação formada por aspectos conscientes e inconscientes vivenciados pelo adolescente. Para a autora, o esforço que o adolescente faz nesse período é o da diferenciação sexual, algo distinto da infância, onde a tendência é ser indiferenciado sexualmente. Essa jornada não se dá sem perdas e por isso alguns autores consideram que na adolescência deve-se lidar com o luto pela perda do corpo infantil (ABERASTURY, 1981) e, pode-se dizer também, pela perda da função deste corpo infantil que passa a lhe conferir, de um modo mais explícito, uma série de papéis sexuais.

A identidade sexual não está “pronta”, não é dada e nem sempre há congruência entre o sexo biológico e o sentimento de ser homem ou mulher. Silva (1999) a compara com a linguagem, pois assim como não somos “programados para determinada forma de linguagem específica” (SILVA, 1999: 45) também não o somos

para a identidade sexual e, por isso, o ambiente possui grande relevância na elaboração desta identidade. Apesar disso, essa autora aponta os três primeiros anos de vida como críticos na estruturação do que se denomina por núcleo de base da identidade de gênero.

Há alguns fatores cuja qualidade da interação promovem a elaboração desta identidade: o relacionamento parental, a genitália externa, a delimitação dos papéis psicosssexuais em determinada cultura, a capacidade cognitiva e a linguagem. Tanto a cognição como a linguagem surgem como facilitadores na organização destas interações (SILVA, 1999).

No que se refere ao relacionamento parental sabe-se que sua grande influência está no fato de provocar identificações entre pais e filhos. A identificação sexual “estrutura-se em função de relações emocionais das quais inicialmente as figuras parentais participam, pelos vínculos afetivos estabelecidos entre si e com os filhos, de modo efetivo como facilitadoras ou não do processo” (SILVA, 1999: 47). No entanto, ela isoladamente não é determinante da identidade sexual do adolescente. As identidades sexuais também devem ser olhadas pelo viés político, influenciadas pela cultura e criadas historicamente (GIFF, 1999).

Vale lembrar o conceito de papel de gênero ou papel psicosssexual é distinto de identidade sexual. O papel de gênero “é determinado pela ação do que se denomina tipificação sexual e se dará por meio de prescrições sociais ditadas pelas instituições e exigidas como formas adequadas de sentir e comportar-se para ser aceito como homem ou mulher” (SILVA, 1999: 46).

Assim sendo, diferentemente do sentido de identidade, o papel é uma norma que regula inclusive a subjetividade do sujeito. Isso ocorre mesmo antes de seu nascimento, com a escolha do nome, cor do enxoval, brinquedos, literatura. Sua rigidez ou não depende da cultura e do momento histórico no qual se vive.

Nem sempre o sentir-se homem ou mulher está em concordância com o papel de gênero daquela sociedade e, especialmente para o adolescente, esta constatação pode ser dolorosa. “Identidade, papel e atividade sexual não são um conjunto único de sentimentos e não se manifestam em bloco unitário” (SILVA, 1999: 51).

Orientação sexual é a manifestação sexual que uma pessoa percebe como sua forma de sentir. É a forma de expressão do impulso sexual, a direção que esse impulso sexual toma em relação ao objeto de desejo e realização sexual (...). Orientação sexual é, portanto, mais um dos aspectos que compõem a identidade sexual, e não sinônimo dela, como muitas vezes se menciona (...). O desejo sexual advém de uma pulsão inerente ao ser humano e toma formas próprias de manifestação diferenciadas em cada um, especialmente em função das constituições biopsicossociais que influenciaram cada indivíduo (SILVA, 1999: 51).

Para muitos é a puberdade (mudanças físicas) que precipita as reflexões e as constatações sobre as tipificações e “as verdades” sobre o sexo, que acabam exigindo que o adolescente reorganize (ou organize) seus valores diante da realidade com a qual se depara. Pode-se dizer até que se trata de uma nova realidade, pois a sua percepção dos papéis sexuais na infância é bastante diferente da adolescência, até porque é nesse período que ele vivencia, de modo mais intenso, a maneira com que se operam os papéis de gênero.

Nolasco (1999) ao escrever sobre as relações de gênero na sociedade brasileira entre os séculos XVII a XIX afirma que é possível encontrar no cotidiano

dos meninos situações de opressão exercida pelo sistema patriarcal também sobre eles. Para ele, o patriarcado atinge tanto os meninos como as meninas, pois esse sistema busca a negação desses dois personagens com a destituição dos valores que possuem.

A tensão e a superficialidade na relação entre pai e filho proporcionavam uma situação de tristeza e melancolia dos jovens diante dos velhos. Nolasco (1999) afirma que a sociedade brasileira foi, num largo espaço de tempo, dominada pelos padrões de comportamento dos mais velhos diante dos mais novos, estabelecendo formas de poder que eram absorvidas com conformidade pelos jovens da época e, posteriormente, imitadas. “As possibilidades de identificação com um modelo social que privilegia o indivíduo oferecem aos meninos somente o perfil do patriarca opressor” (NOLASCO, 1999:172).

Alguns jovens desta época, especialmente os bacharéis, diferenciavam-se do modelo de homens fortes e ágeis, deixando visível sua fragilidade e seu culto pela morte. A maioria morria entre 20 e 30 anos, viviam em péssimas condições de higiene e não se alimentavam adequadamente. Na literatura brasileira encontramos exemplos como esses: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire (NOLASCO, 1999).

Ao final da Idade Média e início da Modernidade a casa perde o seu caráter público e a vida familiar privada é reforçada. A família passa a ser então a instituição que irá garantir a disciplina, a transmissão dos valores e a punição (NOLASCO, 1999). Esse é um dos fatores que garante o fortalecimento do poder do patriarca

que, nesse contexto, ganha também privacidade e autonomia devido ao novo formato de família que nasce nesse período.

Outra alteração na representação social dos meninos na passagem da idade média para modernidade é o fato de, na sociedade medieval européia, os meninos serem igualados aos adultos, ou seja, eram considerados “homens em miniatura”. Com a modernidade isso deixou de ocorrer. O menino passou a ser considerado muito distante do homem e havia uma submissão do primeiro em relação ao segundo (NOLASCO, 1999), assim como de todos os outros membros da família.

No que se refere à cultura brasileira, um elemento que pode ser lido como opressivo aos meninos é o do herói brasileiro que começa a ganhar espaço especialmente no início do século XIX. O perfil de masculinidade valorizado não tem semelhança alguma ao tipo brasileiro. Nolasco (1999) aponta que o herói dos romances brasileiros era: jovem, branco, com tipo físico europeu, intelectual, solteiro, pertencente à classe média, introvertido, com valores sólidos e adaptado socialmente.

É nítido que todas as características correspondem mais ao tipo europeu do que propriamente ao brasileiro. Essa incompatibilidade nos perfis ainda pode ser percebido nos dias atuais. A maioria dos modelos, atores e celebridades destacadas pela mídia possuem um aspecto que nem sempre reflete o tipo físico ou os hábitos da grande parcela dos adolescentes brasileiros.

A garota nesse sistema patriarcal era vista do modo mais diferente possível do homem. Seus atributos deviam ser sempre opostos aos deles: fraca, lenta, amorosa (NOLASCO, 1999). Giffin (1999) destaca que homens e mulheres são definidos,

desde o século XVIII, como “diferentes por natureza” (Idem, 1999: 176) e aponta os termos binários que refletem essa idéia: produção/reprodução, sujeito/objeto, cultura/natureza, social/biológico, mente/corpo, razão/emoção.

Quanto mais distante a mulher estiver, mais fácil é a diferenciação que o homem pode estabelecer, menor é a confusão sobre a própria identidade e menor também é a possibilidade de que ocupem os papéis masculinos.

Outro diferencial está no modo como se concebe a sexualidade masculina e feminina. Enquanto a feminina é vista como algo que garante a honra da família, a masculina é coercitiva e deve se empenhar em não permitir os desvios da sexualidade feminina, pois isso seria visto como fraqueza e representaria uma ameaça à reputação da família. Como exemplo disto no cotidiano, percebe-se o repúdio ao adultério porque ele expõe a fraqueza do homem em “controlar os desvios de sua mulher” (GIFF, 1999).

Silva (1999) aponta duas alterações na sociedade que geram ainda hoje grandes desdobramentos, ambigüidades, conflitos e novas formas de ser: o trabalho da mulher fora de casa e a concepção planejada. “Tais mudanças precisam ter cúmplices” (SILVA, 1999: 53) e, pode-se afirmar que esses cúmplices precisam de fato estar engajados na transformação para que suas bandeiras de luta não sejam tomadas arbitrariamente por outros tipos de discurso.

Giffin (1999) aponta para o que representa certas transformações dos gêneros em uma sociedade de consumo: as mulheres passaram a rejeitar a identidade de reprodutora e se iniciou a comercialização em massa de métodos contraceptivos quando o crescimento populacional começou a ser visto como um problema. Ela

ênfatiza que essa prátca não garantiu a mulher conhecimento do próprio corpo. Nota-se assim que as modificações almejadas pelas mulheres levam tempo e esforço já que, mais do que efetivá-las, é preciso pensar, refletir, discutir, criar novas demandas, caso contrário, não há apropriação pessoal dessas conquistas e o objetivo (saúde e bem-estar da mulher, por exemplo) se perde. “A falta de utopia sexual (...) ameaça deixar para as mulheres apenas a representação de uma “igualdade sexual” no espírito do laissez-faire, preso ao modelo consumista” (Idem, 1999: 182).

O pareamento de sexo/afeto muitas vezes mantido pelas mulheres é percebido vezes como uma confirmação de posturas moralistas e repressoras, no entanto, quando o sexo despersonalizado é entendido como o modelo, esse comportamento feminino passa a ser inadequado (GIFFIN, 1999). Seria essa inadequação uma forma de resistência feminina? Seria uma tentativa de quebrar a lógica dualista, racional e falocêntrica? Como os garotos e garotas vivenciam esse pareamento em suas relações afetivas? Os garotos ainda são os que fazem a cisão de sexo e afeto e as garotas a junção?

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A pesquisa bibliográfica relacionada a este trabalho foi composta por textos que abordam definições, conceitos, históricos e perspectivas acerca da noção de adolescência na psicologia e da vivência da sexualidade neste período do desenvolvimento.

Para a pesquisa de campo foi utilizado como material de estudo o Caderno do jornal Folha de São Paulo, *Folhateen*. Ele possui publicação semanal e, como indica seu próprio nome, é destinado ao público adolescente. Ele teve início em 18 de fevereiro de 1991 e nos anos de 2006 e 2007 apresentou um grupo de apoio composto por adolescentes entre 14 e 22 anos. Seu formato nesses dois anos mencionados incluiu as seguintes seções: matéria central de capa, cartas do leitor, baladas, sexo e saúde, cinema, música e duas colunas de opinião (02 Neurônio e Escuta Aqui), com o acréscimo de alguns itens como, por exemplo, Mangã e Internet em certas edições do caderno.

A escolha deste material se deu pelo fato do Caderno ter seu público-alvo composto por um grupo misto, não sendo apenas garotos ou garotas. Outro aspecto considerado foi a presença de uma pauta mais diversificada, orientada mais aos temas culturais, revelando assim que seus leitores não estão necessariamente em busca de apenas um tipo de conteúdo. Desta forma, procurou-se evitar materiais da mídia impressa que estivessem apenas voltados para uma “tribo” ou gênero específico, ou que focalizassem exclusivamente questões de comportamento, moda ou sexualidade.

Esta pesquisa realizou a análise do material publicado na seção Cartas do Caderno Folhateen nos anos de 2006 e 2007, obtendo um total de 525 cartas. O objetivo era o de analisar a opinião dos leitores em relação aos temas que fazem referência à questão da sexualidade, ao período da adolescência, gênero e alteridade. O olhar da pesquisa foi dirigido à opinião dos próprios “adolescentes-leitores” e não ao modo que o jornal expõe esses temas, ou seja, buscou-se as impressões, opiniões e reações a respeito daquilo que era colocado em pauta e posto em evidência.

4.2 METODOLOGIA DA ANÁLISE DOS DADOS

Dentro de uma pesquisa qualitativa, os dados não são “coisas” isoladas ou fixas, mas sim fenômenos que se manifestam em sua própria complexidade (CHIZZOTTI, 2003). Desta forma, os conceitos elaborados em uma pesquisa qualitativa surgem por meio de descrições, que são formas de se conhecer o modo pelo qual a pessoa representa o mundo para si mesmo, com o auxílio da linguagem (MARTINS & BICUDO, 2003).

Por meio das cartas publicadas no jornal obteve-se um material que foi sujeito a uma análise a partir da qual foram tecidas algumas considerações sobre as concepções que o próprio adolescente tem da adolescência, bem como a respeito de alguns aspectos de sua sexualidade.

Para a proposta de análise compreensiva dos relatos, foi utilizado o referencial indicado por Forghieri (2001). Levando em consideração que a pesquisa qualitativa “é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa” (CHIZZOTTI, 2003: 85).

Inicialmente, foi realizada uma leitura atenta das cartas publicadas pelo *Folhateen* a fim de se familiarizar com o conteúdo exposto e tentar compreendê-lo de maneira global.

Posteriormente foram realizadas várias leituras para se descrever os pormenores dos textos escritos pelos leitores e captar o significado deles. Com isso, foi possível destacar as unidades de significado captados em diversas partes das cartas, fez-se uma articulação entre eles e chegou-se a uma compreensão da vivência realizada pelos “adolescentes-leitores”.

Conforme indicação de Martins & Bicudo (2003), as unidades de sentidos foram agrupadas a partir de categorias elaboradas pelo próprio pesquisador, com o intuito de obter uma melhor compreensão da temática.

Tendo feito esse processo foi possível realizar uma discussão acerca dos significados da adolescência e da sexualidade vivida neste momento de vida, tendo em vista também a pesquisa bibliográfica realizada sobre o tema. Pretendeu-se com isso desenvolver uma compreensão crítica e clara dos resultados, alcançando os objetivos da pesquisa e colaborando com outros estudos que desenvolvem esta temática.

4.3 RESULTADOS

Conforme explicado no item anterior, os resultados serão expostos sob a forma de unidades de sentido que foram agrupados nas categorias pertinentes a esse estudo.

COMO É SER ADOLESCENTE?

<p>15 anos, Barretos, SP 20/02/2006</p>	<p>Os jovens têm que viver a vida. Correr, sair e passear com os amigos.</p>
<p>13 anos, Jundiaí, SP 13/03/2006</p>	<p>A sensação de mudança é realmente terrível. Qualquer uma que seja. Mas, com certeza, a de escola é uma das piores (...). Vai mudar de escola? Então leva um amigo junto. Afinal, vai ser muito mais gostoso encarar essa nova fase da vida junto a uma pessoa querida.</p>
<p>18 anos, Suzano, SP 10/04/2006</p>	<p>(...) acho importante a existência de um caderno destinado aos adolescentes!! Quando eu tinha 17, enxergava muitas oportunidades e pensava que um dia fosse mudar o mundo... Ainda não desisti, só que agora vejo tudo com clareza... E a real é que, quando descobrimos o universo além do nosso umbigo, o castelo de areia desmorona!!! (...) Afinal, nem só de tragédias e corrupção vivem os jovens!!</p>
<p>20 anos, Curitiba, PR 10/04/2006</p>	<p>Serei eu velho demais para o Folhateen? <i>Daniel</i>¹, (na crise dos) 20</p>
<p>17 anos, Carapicuíba, SP</p>	<p>Gostei muito da capa sobre os anarquistas. Ela mostra que, apesar do comodismo de muitos jovens, ainda há os que lutam pelos seus direitos.</p>

¹ Nome fictício

01/05/2006	
16 anos, Itapecerica da Serra 10/07/2006	<i>Seja indie, emo, ou qualquer outra coisa, somos praticamente iguais, afinal somos todos adolescentes. Sugiro deixarmos esse tipo de padronização de que somos vítimas de lado. A juventude não deveria ser o tempo da espontaneidade e originalidade?</i>
16 anos 14/08/2006	<i>E as mães, como a minha, deveriam ser um pouco mais flexíveis, pois posso não fazer hoje com 16 anos, mas um dia ela não vai ter o mesmo poder sobre mim! Então tanto faz hoje ou amanhã! Um dia eu chego lá...</i>
17 anos, Ribeirão Preto, SP 21/08/2006	<i>Realmente os assuntos aqui abordados não me chamam mais a atenção. No entanto, reconheço... Tipo já não estou mais naquela fase teen (...). Vejo que os escritos publicados se perdem naquilo que o jovem tem de demasiadamente jovem... Proponho um Folhapósteen, quem sabe às sextas-feiras? Para recuperar aquilo que temos de bom (ou talvez de pior...) a oferecer: a nossa madura juventude.</i>
14, São Paulo, SP 28/08/2006	<i>Nunca vi uma reportagem sobre adolescentes normais, pessoas livres, que agem como querem (...).</i>
21 anos, São Paulo, SP 04/09/2006	<i>Quer dizer que, só porque eu leio Nietzsche e ando com os chamados góticos desde os 14 anos, sou anormal?</i>

<p>22 anos, Embu das Artes, SP 06/11/2006</p>	<p><i>Estava lendo o Folhateen e pensando comigo: "Que pena não ter sido jovem na década de 80, ali sim, tinha um rock de verdade, tinha um pop de qualidade, Madonna, Prince, Michael Jackson. Hoje os jovens pintam os rostos e se auto-intitulam emos, punks, roqueiros. Na verdade, esse negócio de tribo é uma grande furada, o barato mesmo é se jogar como era na década de 80. Hoje vivemos na era da internet e das músicas comercializadas por belos corpos.</i></p>
<p>17 anos, Curitiba, SP 04/12/2006</p>	<p><i>Eu, como adolescente também, compreendo essa procura incansável pela beleza que hoje faz parte do cotidiano das maioria das jovens, mas, em momento algum, me deixei tomar por atitudes de nível anoréxico ou bulímico, sabendo já que estas teriam repercussões irremediáveis em minha vida.</i></p>
<p>17 anos, Ribeirão Preto, SP 08/01/2007</p>	<p><i>Não é porque somos teens que nossa responsabilidade se resume a ouvir música e assistir a filmes de aventura. Ser jovem implica descobrimentos. Implica formar nossas opiniões. Portanto ser jovem não é ter menos de 20 anos. É olhar ao redor com os olhos brilhantes e para dentro com os olhos penetrantes. Para ser jovem, os anos de vida não importam.</i></p>
<p>Sem identificação 13/08/2007</p>	<p><i>Ótima a matéria do Folhateen. Mostra a realidade de tantos "jovens-adultos", em que suas prioridades já não são mais baladinhas e diversão e, sim, a contribuição para o desenvolvimento de seus filhos! É bom mostrar um pouco das</i></p>

	<i>dificuldades que nós enfrentamos tão cedo!</i>
16 anos, Campinas, SP 13/08/2007	<i>Apesar das dificuldades, a experiência de uma vida "adulta" compensou o que ele perdeu na adolescência. É muito difícil alguém com a atitude de Rodrigo, pois, na adolescência, no primeiro obstáculo que aparece a pessoa já desiste e não se preocupa com conseqüências futuras.</i>
13 anos, Andradina, SP 10/09/2007	<i>A nota que eu daria para vocês era dez, mas de vez em quando vocês publicam matérias muito sem graça, como "Órfãos do tropicalismo" (edição de 30/7). Quem quer saber de um grupo de MPB dos anos 60?</i>
15 anos 05/11/2007	<i>Fiz um brava pesquisa entre meus familiares, e a maioria deles começou a beber depois dos 20 anos. Pude realmente comprovar que os jovens da minha geração estão muito precoces em relação à bebida alcoólica. Daqui a alguns anos, crianças com cinco anos estarão consumindo</i>
17 anos, São Paulo, SP 10/12/2007	<i>O caderno poderia trazer mais matérias do tipo, afinal, nossa geração não vive apenas com a bunda pregada na cadeira do computador, como parece indicar as matérias que o Folhateen vem trazendo.</i>

E A SEXUALIDADE, O AMOR E AS DIFERENÇAS SEXUAIS?

16 anos, Jundiaí, SP	<i>Ultimamente, nós, mulheres, estamos precisando aprender a nos defender. O que mais me chamou a atenção é que essa</i>
-------------------------	---

12/06/2006	<i>técnica de luta, o wen-do, nos motiva a nos defender desses rapazes abusados. Agora sabemos que somos capazes de muitas coisas, inclusive de nos defender.</i>
16 anos, Mogi das Cruzes, SP 31/07/2006	<i>Mostrar que homens também podem usar maquiagem de um jeito estiloso e moderno. Hoje o preconceito não está com nada. Cada um tem que se vestir da maneira que gosta, respeitando a liberdade do próximo. É isso aí... Com ações contra o preconceito construímos uma sociedade mais respeitosa e democrática.</i>
17 anos, SJ dos Campos, SP 07/08/2006	<i>Troquei as revistas femininas pelo caderno Folhateen. Adeus revista jovem só para mulheres!</i>
21 anos, Maceió, AL 07/08/2006	<i>O rapaz não gosta de ler sobre moda, gostos, grupos e tendências por acreditar que essa informação gera preconceito. Provavelmente por achar que as roupas não falam sobre a personalidade. Creio que a informação é geradora de igualdade.</i>
Sem identificação 02/04/2007	<i>Eu gostei muito da coluna sobre as peruas que todas as meninas têm dentro de si. Foi uma grande sacada. Gostei muito do trecho: "Existe uma perua que mora dentro de você. Talvez você negue". Isso é verdade, acontece com a maioria mesmo.</i>
13 anos, Americana, SP	<i>Na nossa sociedade, ainda se têm uma certa neura de homens chorarem, o que na minha opinião não tem nada a ver. Está na hora de todos poderem expressar seus sentimentos. Continuem</i>

23/04/2007	<i>publicando textos como esse, pois são engraçados e nos fazem pensar!</i>
12 anos, Americana, SP 30/04/2007	<i>Vocês mostraram o que os homens de hoje fazem o que pensam em fazer conosco. É inacreditável até que situação os homens nos deixam chegar. Eles mentem, inventam, escondem e falam: "Desculpa, não era a minha intenção te magoar". Pensam que as mulheres são otárias e fazem o que querem, mas as mulheres devem reagir e não deixar que eles se aproveitem, não é mesmo?! Corram atrás e dêem um grande fora neles.</i>
24 anos, São Paulo, SP 02/07/2007	<i>A matéria sobre o amor ("Clarice Lispector pergunta o que é o amor", ed. de 11/6) reconfortou meu coração romântico e desiludido. Mas a coluna "02 Neurônio" da última semana ("O homem é a nova mulher") me fez acordar para a vida real. Considerar a sensibilidade e o sentimentalismo do homem como algo novo me fez refletir a que ponto chegou o individualismo das pessoas. Se demonstração de amor e de preocupação pelo próximo é novidade, então vivemos em uma sociedade que não entende o significado real do amor. Vivemos o amor individual, o amor próprio, o amor pelos próprios sentimentos. Amor que dura pouco e que, quando acaba, muitas vezes se transforma em maldição eterna justamente porque é nutrido o desejo de bem-estar próprio e não o de bem-estar da pessoa amada.</i>

<p>15 anos, Jundiaí, SP 12/11/2007</p>	<p><i>A participação das mulheres também é um ponto muito legal dessa competição, o que evidencia que tanto homens como mulheres têm os mesmos direitos, dando uma quebrada naquela idéia machista, segundo a qual apenas os homens podem. Valeu!!!!!!</i></p>
<p>16 anos, Jundiaí, SP 03/12/2007</p>	<p><i>Achei "Meninas normais" (coluna "02 Neurônio" de 12/11) um texto muito interessante, pois envolve um tema comum discutido entre as meninas de hoje em dia. Normalmente, todas têm um ideal de ser magra, com cabelo liso e sem nenhuma espinha, idéia que, na verdade, vem das garotas-propaganda. Portanto eu achei um ótimo tema para ser discutido em um jornal lido por adolescentes, obrigada."</i></p>
<p>12 anos, São Paulo, SP 17/12/2007</p>	<p><i>Como leitora do Folhateen, fiquei abismada com a matéria de capa. Adorei saber que existem pessoas que se assumem como são, mas (sim, há sempre um "mas'), no texto sobre a garota muçulmana Mannal Sleimaan, 17, ela diz assim: "Apesar de que também veiculam muita informação negativa, ou errada mesmo, sobre a cultura islâmica. Tem gente que acha que as mulheres são tratadas como inferiores. Na verdade, a mulher é super-respeitada, tem direitos, não tem que ficar em casa". Onde que a mulher é tratada como igual?! No universo paralelo onde os pôneis são verdes?!</i></p>
<p>16 anos, Jundiaí, SP</p>	<p><i>É muito bom saber que profissionais tão bem qualificados como o doutor Jairo Bouer estão prontos a nos ajudar de forma tão clara,</i></p>

09/04/2007	<i>sabendo utilizar um vocabulário semelhante ao dos jovens. Com relação à carta do jovem que queria puxar assunto com a menina, gosto da idéia, até porque nós gostamos de meninos com atitude e que tenham um bom papo!!</i>
18 anos, Belém, PA 15/01/2007	<i>Ler as dicas de sexo e de saúde para reforçar ainda mais o amor à vida.</i>
Sem identificação 02/04/2007	<i>Estou mandando essa carta para comentar o texto "O tempo de ejaculação" (ed. de 26/3), de Jairo Bouer. Na minha opinião, um homem ejacular em 30 minutos é demais. Eu tenho um amigo que diz ejacular em cinco minutos. Eu não acredito, pois é um pouco demais, e ele tem fama de mentiroso.</i>
Carapicuíba, SP 09/04/2007	<i>Queremos também parabenizar ao doutor Jairo Bouer pelos excelentes conselhos que dá na coluna "Sexo & Saúde!"</i>
16 anos, Franca, SP 21/05/2007	<i>Tenho 16 anos e não tenho vergonha de dizer que sou BV (Boca Virgem). Acho isso um fato do qual eu tenho que me orgulhar. Não é porque eu vou lá e beijo um cara que vou ser a "maioral". Acho errado as pessoas ficarem com alguém que nunca viram na vida.</i>
14 anos, Franca, SP 28/05/2007	<i>Equipe do Folhateen, adorei esse teste sobre ser consumista (ed. de 21/5). Eu gasto muito com as minhas roupas de marca. Chego a gastar a minha mesada toda nas lojas da Colcci e outras,</i>

	<i>como Puma, Diesel, Dzarm e Dopping...</i>
19 anos, Piumhi, MG 19/02/2007	<i>Muito interessante a abordagem do Folhateen com relação ao estilo de se vestir de jovens paulistanas. O sexo masculino merecia reportagem parecida.</i>
13 anos, Taboão da Serra, SP 18/06/2007	<i>Já me machuquei e muito no amor e nunca o entendi. Hoje sou muito feliz no amor, com a pessoa que eu amo. Mas continuo não o entendendo.</i>
16 anos, Maringá, SP 18/06/2007	<i>O amor está no respeito e carinho mútuos e acontece quando corpo e alma de dois se fundem num só. É sorrir por alguém e sentir cócegas no peito por fazer o outro sorrir. Um tanto ingênuo, esse amor. Mas quem vive sem ele.</i>
22 anos, São Paulo, SP 18/06/2007	<i>Concordo com Tom Jobim, o amor é dar-se. E ainda acrescento: é cuidar, é querer, é enlouquecer, é perdoar. É pedir perdão uma, duas, três, mil vezes, mesmo não se achando errado. É chorar de saudades, é mudar todos os compromissos só para poder ficar mais cinco minutinhos juntos, chegar atrasado no trabalho porque a despedida demorou... amar é esquecer de si mesmo.</i>
19 anos, Novo Horizonte, SP 18/06/2007	<i>Amor não é sentimento, é atitude! Não digo que amo, demonstro com minhas ações.</i>
18 anos, São	<i>Amor é sentimento preciso, necessário, que se faz em horas, em</i>

Paulo, SP 18/06/2007	<i>minutos e até mesmo em milésimos de segundos e que nos torna bons tolos! Ah</i>
21 anos, São Paulo, SP 18/06/2007	<i>O amor dá a gostosa e ingênua sensação de a vida ter sentido e faz as manhãs parecerem menos duras.</i>
21 anos, São Paulo, SP 18/06/2007	<i>Bacana a reportagem "Clarice pergunta o que é o amor". Aproveitando a sugestão feita no final, amor é uma possibilidade de exercitar a vida. E, ao contrário da tranqüilidade, da felicidade, da inteligência ou de outros exercícios de vida que podem se esgotar no próprio indivíduo, o amor diz respeito ao outro; o pulo do gato é saber bolar um equilíbrio entre as demandas de cada um.</i>
Sem identificação 25/06/2007	<i>O amor é a vontade de viver uma história de Romeu e Julieta sem a parte trágica</i>
22 anos, São Paulo, SP 25/06/2007	<i>Achei muito interessante vocês divulgarem a exposição da Clarice Lispector ("Clarice Lispector pergunta o que é o amor", ed. de 11/6) e citarem o livro "A Hora da Estrela". Gostei mais ainda de saber que o jornal quer saber a opinião de seus leitores sobre o amor. Por isso, digo que, na minha opinião, o amor é um sentimento existente no ser humano, que pode ser estimulado e alimentado de diversas maneiras, que pode causar uma sensação de extremo bem-estar e vivacidade em quem o sente. Ele pode</i>

	<i>ser dirigido a um familiar, a um amigo ou a um amante e é passivo de fidelidade, lealdade, carinho, proteção, cuidado, bondade, alegria e felicidade, ou seja, pode estar associado a outros sentimentos e emoções, o que o torna mais completo e faz seu portador se sentir da mesma maneira. Por isso, acredito que é dele que o mundo necessita e é dele que o ser humano deve estar inebriado.</i>
Sem identificação 02/07/2007	O amor é um porre sem ressaca
9 anos, Barbacena, MG 10/12/2007	<i>(...) o texto "O corpo mutante" (coluna Sexo & Saúde) que falava de dúvidas que jovens de hoje em dia têm. Além de tirar dúvidas, a reportagem traz curiosidades para que, quando algumas das coisas citadas acontecerem com você, você já saiba o que fazer. Eu tenho nove anos e mesmo assim leio Folhateen toda vez que chega a Folha de S.Paulo pro meu pai. Espero que meu e-mail saia no Folhateen.</i>

ONDE FICA O OUTRO NESSA HISTÓRIA?

15 anos, São Carlos, SP 03/04/2006	<i>Antes de vocês publicarem a matéria sobre os emos (ed. de 20/3), eu não os entendia, achava aquilo estranho. Depois, passei a vê-los de forma diferente.</i>
17 anos,	<i>Como uma urticária, que aumenta conforme nos coçamos, os</i>

<p>Sorocaba, SP 03/04/2006</p>	<p>emos estão se alastrando de todas as maneiras possíveis. Ditos rejeitados, os emos simplesmente querem chamar a atenção dos pais e também da sociedade. Haja vista a quantidade de maquiagem que usam nos olhos, que nos remete a doenças terminais. Podemos observar a grande enganação que é a "rebeldia" emo.</p>
<p>17 anos, Jundiaí, SP 05/06/2006</p>	<p>Maquiagem pesada, sobretudo, roupas pretas, viver isolado etc. Tudo isso por quê? Ohh! Porque sofro por amor! Ao menos o gótico tem uma vantagem: é uma herança de movimento grandioso, o romantismo. Mas e os emos? Pobres emos, mais um motivo para sofrerem.</p>
<p>18 anos, São José do Rio Preto 12/06/2006</p>	<p>Muitas pessoas têm preconceitos contra os emos por eles terem uma opinião sobre sexo bem flexível, pela forma como expressam os seus sentimentos e por alguns até serem bissexuais. Penso que cada um tem liberdade para fazer da vida o que bem entende. Os garotos e garotas emos temos certa necessidade de sempre estar com amigos, abraçados, se beijando. É a tal carência, ou carinho, como dizem. E aí volta o tal preconceito contra os emos. Devemos pensar nessa rivalidade fútil, que não leva a nada. Sejamos compreensíveis, galera!</p>
<p>17 anos, Rio de Janeiro, RJ</p>	<p>Não é possível engarrifar e rotular pessoas distintas e chamá-las por um só nome, como se todas fossem iguais, clones saídos de uma fábrica (...). Uma pessoa é, antes de mais nada, uma</p>

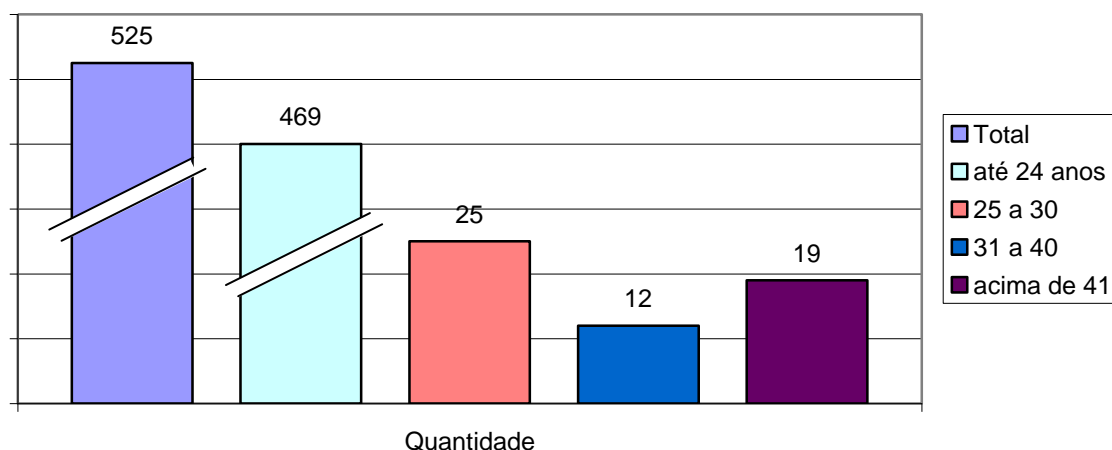
19/06/2006	pessoa, diferente de todas as outras que existiram.
Sem identificação 26/06/2006	<i>Gostaria de compreender o motivo pelo qual o emocore ainda causa tanta polêmica. O que há de errado? As pessoas têm medo de demonstrar sentimentos e, então, quando chega uma tribo que mostra que não tem vergonha de dizer um "eu te amo", as pessoas ficam assustadas e revoltadas. Em que mundo nós vivemos?</i>
13 anos, São João da Boa Vista, SP 03/07/2006	<i>Vocês só falam daqueles emos ridículos, que ouvem músicas e ficam chorando. Tenho amigos emos, mas não acho que eles devem reinar.</i>
Sem identificação 03/07/2006	<i>Amar, agora, é monopólio emo. Se você ama alguém, sugiro que troque o amor pelo ódio. Vale tudo para se livrar dos emotivos. Os emos, que ficam entre o ideário hippie e o dos "Ursinhos Carinhosos", chegaram tímidos, pedindo um espaço para difundir suas inexistentes idéias (...). Eles apenas aumentam a jequice intelectual tupiniquim.</i>
16 anos, Pindamonhagaba, SP 03/07/2006	<i>Emo não é amor aqui nem na China. Eles são um monte de crianças que ouvem Xuxa. Transformam sertanejo em rock! São todos posers, não valem nada! Então, é isso aí! E cadê os grunges aqui? Só esses emos ganham espaço nesse jornal. Então, fica aqui a minha revolta. Até mais...</i>
15 anos,	<i>(...) ultimamente vejo apenas reportagens sobre rótulos. Não há</i>

Ribeirão Preto, SP 10/07/2006	<i>nexo em rotular uma pessoa como emo, indie, índio, verde, azul... Onde há graça em querer ser de algum desses grupos? Se você gosta de se vestir esquisito, tudo bem. Mas fazer isso para ser rotulado? Onde ficam os Normais?</i>
16 anos, Itapeverica da Serra, SP 10/07/2006	<i>Gosto de bandas indies e ex-indies, tenho cabelo desfiado colorido e faço praticamente tudo o que vocês disseram ser indie, inclusive não me considerar indie. E digo de boca cheia que não sou indie porque odeio rótulos.</i>
15 anos, Belém, PA 10/07/2006	<i>Adorei a matéria dos indies. Só acho que faltou colocar que eles querem dar uma de "cults", gostando de filmes europeus, artistas antigos e livros bons. Creio que terão milhões deles odiando!!</i>
Sem identificação 10/07/2006	<i>Não tenho nada contra emos ou indies ou punks, desde que eles ajam do jeito que agem porque gostam, e não porque está na moda.</i>
19 anos, Taubaté, SP 24/07/2006	<i>Esse tipo de matéria aumenta o preconceito e a discriminação dos jovens. Como um gosto musical, uma roupa ou um cabelo podem definir a personalidade de cada um?</i>
22 anos, Ferraz de Vasconcelos, SP 04/09/2006	<i>Gostaria de parabenizar Jairo Bouer pela coluna na edição do dia 28/8. Ele disse tudo o que as pessoas que praticam um ato de preconceito deveriam saber. Às vezes, somos intolerantes mesmo sem perceber (...). Não podemos querer que tudo nos agrade, pois não será assim nunca! Fim ao preconceito e à intolerância!</i>

17 anos, São Paulo, SP 25/09/2006	<i>Ela (Paris Hilton) é a pessoa mais simpática que já vi. Paris deu uma sessão de autógrafos no shopping Higienópolis. Eu estava sem condições financeiras para comprar o perfume. Paris fez poses para minha câmera e mandou me entregar um autógrafo.</i> Isso fez meu dia/semana/mês/ano ou vida.
19 anos 16/10/2006	Será que eu posso ser normal não sendo um "emo", "indie", "neovelho" ou qualquer um desses rótulos que o Folhateen vem incessantemente publicando?
15 anos, Ribeirão Pires, SP 23/10/2006	<i>Porém acho que deveria falar mais sobre coisas das comunidades mais simples, da luta de estudantes, e não só dessas bandas moderninhas e desses caras que já têm tudo na vida e não precisam lutar para conquistar nada em seu futuro. Obrigado.</i>

FAIXA ETÁRIA DOS LEITORES PESQUISADOS

Das 525 cartas lidas no jornal Folhateen em 2006 e 2007, 56 delas foram escritas por pessoas acima de 25 anos. A maioria dessas cartas referia-se a opiniões sobre as matérias na posição de “adolescentes-leitores”, ou seja, se não houvesse a assinatura com nome e idade, não era possível diferenciá-los. Apenas algumas eram de leitores que se apresentavam como pais e teciam críticas ou elogios às matérias pelo fato de seus filhos as lerem ou mesmo de leitores mais velhos incentivando os jovens que lêem este caderno.



4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com os critérios delimitados para pesquisa, seguem as discussões dos dados encontrados a partir da análise feita das cartas do Caderno *Folhateen*.

4.4.1 COMO É SER ADOLESCENTE?

Com relação à concepção de adolescência encontrada nas cartas dos leitores foi possível perceber que elas variam entre uma visão positiva, negativa e até mesmo crítica sobre esse período. Alguns remetem à saúde e à originalidade; outros a um tempo de comodismo, irresponsabilidade; também há aqueles que buscam afirmar sua condição de protagonistas.

“Não é porque somos teens que nossa responsabilidade se resume a ouvir música e assistir a filmes de aventura. Ser jovem implica descobrimentos. Implica formar nossas opiniões.” (08/01/2007)

“(…) na adolescência, no primeiro obstáculo que aparece a pessoa já desiste e não se preocupa com conseqüências futuras.” (13/08/2007)

“(…) nossa geração não vive apenas com a bunda pregada na cadeira do computador, como parece indicar as matérias que o *Folhateen* vem trazendo.” (10/12/2007)

Essas visões estão muito próximas ao que se encontra nos discursos da sociedade de modo geral, especialmente as que remetem aos aspectos da saúde, da criatividade e irresponsabilidade. No entanto, pode-se notar na primeira e terceira frase que o leitor busca quebrar com as noções estabelecidas e apontar para visões nem sempre explicitadas pela mídia, ao ponto até de exigir outros enfoques.

A faixa etária em que é fixado o período da adolescência é questionada pelos leitores: “Serei eu velho demais para o *Folhateen*?”. Como foi colocado na exposição dos dados, o Caderno recebe várias opiniões de pessoas acima dos 25 anos que também questionam se são ou não adolescentes ainda. Essa imprecisão com relação à idade sinaliza a facilidade com que pessoas de diversas faixas etárias se confundem com os adolescentes. Nas cartas analisadas encontram-se leitores dos nove aos setenta anos.

Escrever a opinião para determinado jornal em virtude de uma matéria publicada indica que o sujeito acredita que aquilo lhe diz respeito, que não é alheio a sua vida e aos seus interesses. Desta forma, quais seriam então as distinções entre o “mundo adulto” e o “mundo adolescente”? Os temas de destaque para um também o são para o outro? Calligaris (2000) afirma que não há uma separação clara entre essas duas realidades, ou seja, não é nítido o que define um homem ou uma mulher na sociedade contemporânea. É possível que a sobreposição de papéis ocorra em razão da ausência de certos ritos de passagem que definem quais espaços e funções determinada pessoa ocupa em seu meio.

A ausência dessas distinções claras pode ser considerada prejudicial? Pompéia (2004) afirma que a representação gráfica mais próxima do desenvolvimento humano é

um círculo e não uma reta. Assim sendo, o modo de ser infantil ou adolescente permanece como possibilidade de existir para o adulto.

Tudo aquilo que fez parte do percurso, todo o já “sido” não fica para trás nem para fora do círculo, mas permanece ali. Isso quer dizer que se ampliam as possibilidades (...) mas essas formas não competem com as anteriores (...). A imagem de ampliação do círculo significa que aumentam o âmbito e o número das condutas maduras (Idem, 2004: 123).

Na visão de Pompéia (2004) não é salutar pensar as fases do desenvolvimento como departamentos ou momentos estanques, pois todos eles estão interligados e ampliam o nosso modo de ser. No entanto, quando se lança mão de apenas um modo de existir e isso não necessariamente significa maior maturidade, pode-se pensar numa dificuldade em aceitar e assumir outros momentos do ciclo vital porque, como afirma Calligaris (2000), o adolescente é o ideal cultural da sociedade contemporânea.

Todos (adultos, crianças e idosos) querem imitá-lo, reproduzir seu modo de ser e, assim, acabam por produzir uma experiência simulada da adolescência, um falso *self*, que nem sempre se assemelha com a vivência pessoal feita nesse período. O adulto muitas vezes abre mão do próprio modo com que viveu a adolescência para se identificar e espelhar um modelo pronto e externo a ele.

Essa dúvida com relação à idade “ideal” também se assemelha àquela sobre a idéia de normalidade. Quais serão os critérios para se estabelecer o que é um adolescente normal? Esta preocupação com a normalidade é bastante presente no discurso dos adolescentes, porém por trás dessa inquietação está o medo da invisibilidade.

“Quer dizer que, só porque eu leio Nietzsche e ando com os chamados góticos desde os 14 anos, sou anormal?” (04/09/2006)

“Nunca vi uma reportagem sobre adolescentes normais, pessoas livres, que agem como querem (...).” (28/08/2006)

Fugir dos padrões pode ser atraente para alguns e repulsivo para outros, porém o que está em questão é a resposta do seu grupo social ao se seguir ou não determinadas normas. A vivência do isolamento, a ausência dos pares e a sensação de ser um estranho é o que pode provocar a sensação de que se é “anormal”. Por mais que haja timidez em muitos, neste período é importante ser visto, olhado e reconhecido e, assim, o anormal e doloroso é o fato de se perceber fora do olhar do outro.

A relação com o passado e com a história de sua cultura também foi percebida no discurso dos leitores. Ora ela é percebida como algo superior ao tempo presente, chegando a ser idealizado, ora é vista com desprezo e desconectada do momento atual.

“Estava lendo o Folhateen e pensando comigo: "Que pena não ter sido jovem na década de 80, ali sim, tinha um rock de verdade, tinha um pop de qualidade (...).” (06/11/2006)

“Quem quer saber de um grupo de MPB dos anos 60?” (10/09/2007)

A afinidade do adolescente com a história do seu grupo e de sua cultura tem relação com sua história pessoal e com aquilo que é alimentado pelo discurso do adulto. Aprender as coisas como são e atribuir-lhes significado a partir das próprias inferências e experiências é uma conquista contínua e necessária ao desenvolvimento.

Ao se apropriar da história de seu grupo social o adolescente interage com a vida daquele coletivo e tende a se perceber também como peça de toda a engrenagem.

Outro aspecto que aparece nas falas dos leitores remete à questão da moratória discutida no primeiro capítulo.

“E as mães, como a minha, deveriam ser um pouco mais flexíveis, pois posso não fazer hoje com 16 anos, mas um dia ela não vai ter o mesmo poder sobre mim!” (14/08/2006)

A disputa por espaço com a figura de autoridade revela muitas vezes o seu lado sufocante. A moratória, que poderia ter a função de proteção, acaba sendo uma tentativa do “mundo adulto” de exercer algum controle sobre a vida do adolescente, sob a forma do adiamento de certas vivências. Ao invés de auxiliar na inserção de novas experiências que a realidade impõe, a moratória pode se tornar um fator prejudicial e não favorável à autonomia.

4.4.2 E A SEXUALIDADE, O AMOR E AS DIFERENÇAS SEXUAIS?

As questões referentes ao gênero estiveram presentes em diversas cartas analisadas. Percebe-se um questionamento em relação aos papéis psicosssexuais (abordado no segundo capítulo) e uma disputa com o outro sexo para a ocupação de espaços que predominantemente lhe pertenciam.

“(…) Mostrar que homens também podem usar maquiagem de um jeito estiloso e moderno.”
(31/07/2006)

“Agora sabemos que somos capazes de muitas coisas, inclusive de nos defender.” (12/06/2006)

“Adeus revista jovem só para mulheres!” (07/08/2006)

“(...) ainda se têm uma certa neura de homens chorarem” (23/04/2007)

“Onde que a mulher é tratada como igual?! No universo paralelo onde os pôneis são verdes?!”
(17/12/2007)

“O sexo masculino merecia reportagem parecida.” (19/02/2007)

Essa disputa revela o desejo do adolescente em romper com as delimitações rígidas dos papéis psicosssexuais, para que assim seja possível obter maior liberdade na elaboração de sua identidade sexual. Tanto a subjetividade interfere na construção dos papéis sociais como esses também alteram o modo com que se vivencia o ser homem e o ser mulher. As tipificações sexuais se dão pro meio de prescrições sociais como forma de se adequar aquele grupo social e ser aceito (SILVA, 1999).

Os terrenos que eram privados e particulares a homens e mulheres são postos em questão e as fronteiras se esvaem. A justificativa para isso é o “ser capaz de...”, o poder, a aptidão, a habilidade. Assim, as demarcações de gênero caem em razão da igual capacidade de homens e mulheres para sentir e agir, e cada qual encontra sua maneira para expor o seu “poder”. O adolescente aqui revela que este “poder” não é utilizado para segregar, mas sim para diluir as barreiras e quebrar esteriótipos vazios.

A interrogação “*o que é o amor*” foi bastante discutida nas cartas dos leitores. Os temas que se referem aos sentimentos, vivências, experiências de vida parecem gerar maior interesse dos adolescentes. A coluna Sexo e Saúde, por exemplo, recebe poucos comentários dos leitores, enquanto as colunas de comportamento e cultura provocam um maior debate entre eles.

Esse aspecto pode indicar que muitas vezes a curiosidade do adolescente está em problematizar mais as questões referentes ao relacionamento humano do que

propriamente esclarecer dúvidas sobre sexo. Isso porque talvez as dúvidas e suas respectivas respostas sejam as mesmas e eles já as conhecem e as repetem como um discurso politicamente correto, como por exemplo, usar camisinha. As relações afetivas, que estão no cerne na discussão sobre sexo, nem sempre são colocadas na “berlinda” e o enfoque acaba sendo a dimensão biológica da sexualidade.

Os comentários dos leitores definem o amor como algo da ordem do incompreensível, que remete à fusão, doação, desprendimento e ingenuidade. Não é visto como algo abstrato, mas sim como atitude. Percebe-se que a dor e sofrimento estão implícitos nas definições, porém essa dor não se traduz em falas depreciativas sobre o amor.

“Já me machuquei e muito no amor e nunca o entendi. Hoje sou muito feliz no amor, com a pessoa que eu amo.” (18/06/2007)

“(…) acontece quando corpo e alma de dois se fundem num só.” (18/06/2007)

“Amar é esquecer de si mesmo.” (18/06/2007)

“Amor não é sentimento, é atitude!” (18/06/2007)

“(…) ingênua sensação de a vida ter sentido e faz as manhãs parecerem menos duras.”
(18/06/2007)

As cartas que discutem propriamente o tema da sexualidade interroga certos padrões e normas que são postas e apontam a vivência do próprio adolescente como um exemplo de contradição ao que é dito, porém coerente com seu estilo de vida. As roupas aparecem também como uma espécie de “mania” e, conforme visto no segundo capítulo, refere-se também à vivência da sexualidade. A influência do vestuário é muito grande especialmente para o adolescente, pois o corpo está em um momento de

mudança que já lhe dá destaque e, além disso, o tipo de roupa torna esse corpo ainda mais evidente. Outro aspecto que influencia é o fato da moda também ser uma das formas de controle do corpo, um modo de fixar o sujeito em uma determinada posição social (CARIDADE, 1999) e, por isso, a marca publicitária da roupa é tão relevante.

“Tenho 16 anos e não tenho vergonha de dizer que sou BV (...). Acho isso um fato do qual eu tenho que me orgulhar. Não é porque eu vou lá e beijo um cara que vou ser a maioral.” (21/05/2007)

“Na minha opinião, um homem ejacular em 30 minutos é demais. Eu tenho um amigo que diz ejacular em cinco minutos.” (02/04/2007)

“Eu gasto muito com as minhas roupas de marca. Chego a gastar a minha mesada toda nas lojas da Colcci e outras, como Puma, Diesel, Dzarm e Dopping...” (28/05/2007)

4.4.3 ONDE FICA O OUTRO NESTA HISTÓRIA?

Nas cartas escritas pelos adolescentes o tema da diferença se tornou bastante evidente nas discussões entre as tribos juvenis. De modo especial o grupo dos *emos*² foi o maior alvo dos debates.

As palavras referidas a eles são pejorativas e buscam destituir-lhes valor. Como exemplo pode-se citar: jecas, ridículos, não devem reinar, não valem nada, enganação, estão se alastrando.

“Vale tudo para se livrar dos emotivos.” (03/07/2006)

“Eles apenas aumentam a jequice intelectual tupiniquim.” (03/07/2006)

² Emo (abreviação do [inglês](#) *emotional*) é um gênero de música derivado do Hardcore. Influenciou a formação de uma tribo juvenil caracterizada pela música, pelo comportamento geralmente emotivo e pelo visual que consiste em trajes pretos, listrados, cabelos coloridos e franjas caídas sobre os olhos.

Por outro lado, há aqueles que argumentam contra esse tipo de discurso, pois o consideram preconceituoso. Suas falas fazem a defesa desse grupo sob três aspectos: alguns compreendem que as tribos são uma espécie de “rótulo” e que é preciso olhar por trás da “fantasia” e perceber que todos são iguais; outros argumentam em favor do jovem “normal” ou do jovem que está engajado socialmente, entendendo essas discussões como algo sem sentido; enfim, há aqueles que se posicionam a favor da liberdade individual.

“Penso que cada um tem liberdade para fazer da vida o que bem entende.” (12/06/2006)

“Não é possível engarrafar e rotular pessoas distintas e chamá-las por um só nome (...).”
(16/06/2006)

“Se você gosta de se vestir esquisito, tudo bem. Mas fazer isso para ser rotulado? Onde ficam os Normais?” (16/06/2006)

“Esse tipo de matéria aumenta o preconceito e a discriminação dos jovens. Como um gosto musical, uma roupa ou um cabelo podem definir a personalidade de cada um?” (24/07/2006)

“Não podemos querer que tudo nos agrade, pois não será assim nunca! Fim ao preconceito e à intolerância!” (04/09/2006)

“Será que eu posso ser normal não sendo um "emo", "indie", "neovelho" ou qualquer um desses rótulos que o Folhateen vem incessantemente publicando?” (16/10/2006)

Essa tentativa de quebrar o preconceito passa algumas vezes pela tentativa de uniformizar todos. Destituir os chamados “rótulos” é uma forma de também eliminar a diferença, a singularidade, a diversidade. Olhar para além das tribos e perceber que todos são adolescentes é também uma tentativa de se igualar para poder respeitar o outro, perceber que são mais parecidos do que diferentes. Não entanto, como se dá o

respeito apesar da diferença? É possível tolerar o outro mesmo sabendo que ele não é uma cópia de si mesmo?

As cartas não oferecem material suficiente para compreender com clareza as razões da irritação com a tribo dos *emos*, porém algumas dão a entender que a crítica é dirigida ao modo com esse grupo expressa seus sentimentos, suas dores, alegrias. Uma das cartas “de defesa” afirma que os *emos* não têm vergonha de serem carinhosos entre os membros de seu grupo, de chorar e dizer o que sentem. Obviamente, no que se refere às “rixas” entre as tribos juvenis, todos os elementos são alvo de crítica: roupas, cabelo, música que ouvem e outras expressões.

O discurso dos adolescentes possui diversos conteúdos que podem ser problematizados dentro do ramo da Psicologia do Adolescente, mas para os objetivos propostos a análise feita procurou responder aos propósitos deste estudo.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A vida só é possível reinventada.”

Cecília Meireles

A adolescência é um período do desenvolvimento humano almejado e idealizado por pessoas de diversas faixas etárias. Esse fenômeno acaba por gerar certa confusão em relação ao que define e distingue o que é ser ou não um adolescente. Essa dificuldade tem a ver também com o fato de não se ter claro o que é necessário para se tornar um adulto na cultura contemporânea.

A ausência de ritos de passagem claros pode ser uma das razões para a fragilidade desses limites. Outro elemento que também influencia é a moratória. Muitos vivem a adolescência como um período de espera e postergação das atribuições da vida adulta e essa possibilidade de “ensaiar” para a outra fase da vida é um fator almejado pela sociedade, que projeta na figura do adolescente uma liberdade de ação que não encontram em suas vidas. Desta forma, prolongar esse período é o desejo de muitos.

Por meio deste trabalho foi possível perceber que a vivência com o diferente agrega grande valor ao modo com que se elabora o período da adolescência e, em especial, em relação experiência da sexualidade.

A adolescência e seu modo de organização em grupos favorecem o embate e o encontro com as diversas possibilidades de ser. As tribos juvenis e os grupos de pertença provocam o confronto com aquele que é o meu oposto ou meu complementar, e abrem espaço para os sentimentos, opiniões e percepções em relação a esse outro que é diferente.

Alguns grupos promovem um verdadeiro espetáculo na arena social com suas vestimentas, maquiagem, modo de arrumar o cabelo, práticas esportivas e culturais. Outros, aparentemente mais discretos, revelam-se nas ações do cotidiano, no desejo de serem reconhecidos como “normais”. Independentemente das formas, os grupos adolescentes possuem uma função muito importante no desenvolvimento psicológico por permitirem a identificação entre os pares, o confronto com o diferente e a entrada gradativa no grupo social mais amplo. Como discutido no capítulo 02, o vestuário é uma expressão do corpo e, portanto, aspecto relacionado à sexualidade.

Uniformizar os adolescentes é uma maneira de impedir que sua singularidade faça diferença no mundo, é impedir uma possibilidade de contínua re-criação da própria existência. O universo adulto, por exemplo, possui uma tendência muito maior de igualar e padronizar os gostos, o modo de se vestir e de se comportar, anulando muitas vezes as particularidades de cada um.

Os discursos evidenciados nas *Cartas ao Leitor* muitas vezes mostra intolerância e desprezo com o diferente, com aquele que possui outros gostos e preferências. Obviamente essa dificuldade em tolerar esse “estranho” é comum a todos os momentos do desenvolvimento humano, porém o passo adiante que o adolescente revela é o de ser capaz de reconhecer a diferença. Rivalizar, discutir, debater pode ser uma forma de tentar conhecer e entender o que esse outro traz de novo e que me incomoda. Alguns farão destas discussões uma maneira de quebrar os preconceitos, outros irão cristalizar ainda mais as concepções e verão nos esteriótipos criados um modo de simples de lidar com o oposto.

Uma das vantagens das tribos e grupos juvenis é o fato de tornarem mais evidentes as diferenças e, assim, exigirem o confronto com aquilo que é estranho ao seu mundo. O reconhecimento de que o outro é diferente é um dos primeiros passos para o respeito. O discurso dos adolescentes no jornal muitas vezes passou pela intolerância e o modo de se defender disso era, muitas vezes, pela justificativa de que “todos somos iguais”. Porém, a pergunta permanece: como ultrapassar essa visão de que somos iguais, assumir as singularidades e ainda sim respeitá-las?

No que se refere às diferenças sexuais, pode-se perceber que as especificidades de cada gênero também são destacadas como forma de mostrar que elas não são regras, mas sim elementos que formam uma fronteira que aos poucos vai se diluindo. A

diferença aqui não aparece como forma de anular ou igualar o outro, mas sim de mostrar que o que é visto como singular para homem ou mulher (usar maquiagem, por exemplo), não é propriedade deste ou daquele gênero. A singularidade não é anulada e nem percebida como algo exclusivo.

Outro elemento de destaque é o fato da diferença sexual não ser utilizada para destituir o valor do outro, mas sim de perceber que as fronteiras que separam um sexo do outro não são rígidas e que as habilidades ou preferências são os elementos que decidem as práticas e posturas de cada um, e não o sexo biológico. O “ser capaz de” ou o “gostar de” é que definem o que pode fazer ou não uma mulher ou um homem. Interrogar o papel sexual de cada um auxilia na elaboração da identidade sexual, pois ambos estão intimamente ligados.

Para uma compreensão mais ampla da sexualidade na adolescência não é viável restringir-se ao aspecto biológico e oferecer a esse grupo discussões e debates que apenas discutam a questão do sexo em si. Este enfoque mais restrito tende a ser mais uma forma de controle do que uma genuína preocupação ou cuidado com essa dimensão. Faz-se necessário pensar também em momentos que aprofundem a dimensão dos sentimentos e das relações humanas. Um grande número de cartas foi escrita em resposta à questão “o que é amor?” e às discussões com relação aos *emos*, um grupo que se caracteriza pelos fortes apelos emocionais.

Nota-se também que a novidade que o outro apresenta, no âmbito dos papéis e da identidade sexual, são percebidas como transitáveis, plásticas, móveis e abertas à escolha individual. A vivência da sexualidade no momento da adolescência possui fortes características de rompimento e interrogações sobre os padrões sexuais. O sentimento de liberdade e a sensação de que são capazes de criar novas formas de

relação é presente nesse período. Alguns adolescentes exteriorizam essas questões e conseguem discutir com a sociedade sobre a rigidez de certos papéis e criam o seu modo particular de pensar e atuar no mundo; outros interiorizam esses questionamentos e os transformam em dúvidas pessoais, procurando saber se são “normais” ou não, “adequados” ou não.

A tentativa de mudanças dos papéis sexuais por parte dos adolescentes é uma tentativa de fazer com que essa diferença não seja obstáculo ou elemento que destitua ou desqualifique o valor do outro, o que não é percebido no debate entre as tribos juvenis, onde a tolerância é algo a ser almejado, porém as discussões são mais acirradas e a segregação é maior.

As diferenças no âmbito da sexualidade sofrem seus embates diariamente, tanto na mídia, como na família, na escola e no trabalho, e tamanha exposição favorece a reflexão sobre ela. Os adolescentes, que agora vivem um momento onde as relações se ampliam, passam a pensar os papéis sexuais que são induzidos a assumir e a confrontar com aquilo que percebem em seu grupo de amigos, família e outros círculos sociais. Essa descoberta de novas identidades sexuais e de diferentes formas de ser homem ou mulher enriquecem suas personalidades e possibilitam a criação de outras realidades onde esses novos homens e mulheres possam habitar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ariès, Philippe. *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Mauricio. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo. In: CARDOSO, Marta Rezende (org). *Adolescentes*. São Paulo: Editora Escuta, 2006. Biblioteca de Psicopatologia Fundamental.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARIDADE, Amparo. A construção cultural da sexualidade. In: RIBEIRO, Marcos. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. Vol. 2. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Trad. Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão (org.). *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo: Cortez Editora, 1984.

_____. *Psicologia Fenomenológica – fundamentos, método e pesquisa*. 2ª reimpr. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

GALLATIN, Judith Estelle. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. Trad. Antonio Carlos Amador Pereira, Roseane Amador Pereira. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda., 1978.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. Mudando de corpo: puberdade. In: RIBEIRO, Marcos. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. Vol. 1. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

GIFFIN, Karen. Poder e prazer: considerações sobre o gênero e a sexualidade feminina. In: RIBEIRO, Marcos. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. Vol. 1. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

GROSSMAN, Eloisa. *La adolescencia cruzando los siglos*. *Adolesc. Latinoam.*, jul./sep. 1998, vol.1, no.2, p.68-74. ISSN 1414-7130.

JOVER, Eliane Rivero e NUNES, Maria Lúcia Tiellet. *Construção histórica da noção de adolescência e sua redefinição na clínica psicanalítica*. Imaginario, dez. 2005, vol.11, no.11, p.15-33. ISSN 1413-666X.

NOLASCO, Sócrates. Cultura brasileira, patriarcado e gênero. In: RIBEIRO, Marcos. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. Vol. 1. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

OZEELA, Sérgio (org). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

POMPÉIA, João Augusto & SAPIENZA, Bilê Tatit. *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio (ou Da educação)*. São Paulo: Martins Fontes, 1762/1999.

SILVA, Maria do Carmo de Andrade. Formação e desenvolvimento da identidade sexual ou identidade de gênero. In: RIBEIRO, Marcos. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. Vol. 1. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

TAVARES, Roseane Moreto. Aspectos psicológicos. In: RIBEIRO, Marcos. *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. Vol. 1. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.